

Os fãs das Crónicas de Ramirez não estão preparados para este segundo volume!
As minhas personagens favoritas estão de regresso para viverem uma história emocionante.
Uma obra ambiciosa, com uma narrativa apaixonante que promete prender o leitor desde a primeira à última página.

— **Margarida** —
@bibidibooks

Quando pensámos que as histórias de vampiros já estavam ultrapassadas, chegam-nos as Crónicas de Ramirez e provam-nos o contrário. Uma leitura obrigatória para os fãs do Fantástico!

— **Miguel Gonçalves** —
@capitulo_m_geekhouse

O aguardado regresso a este mundo medieval, habitado por arditosas criaturas da noite, e onde o autor nos deixa à beira do assento com mistérios e intrigas

— **Mafalda Fernades** —
@aoutramafalda (Instagram, Youtube)

LUÍS SILVA

CRÓNICAS
DE RAMÍREZ

Volume II

UM PACTO DE ALMAS



Editorial Divergência

Setembro de 2025

FICHA TÉCNICA

Título: Crónicas de Ramírez

Subtítulo: Um Pacto de Almas

Autor: Luís Silva

Coordenação editorial: Arlete Gomes

Edição: Arlete Gomes

Revisão: Arlete Gomes

Artista de capa: João Rodrigo Carvalho

Composição: João Rodrigo Carvalho

ISBN: 978-989-9306-91-2

Este livro foi composto pelos tipos:

Palatino Linotype e Renny Hybrid

©2025 Grupo Editorial Divergência

©2025 Luís Silva

©2025 João Rodrigo Carvalho

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

Grupo Editorial Divergência

Centro de Negócios de Ansião, Gabinete 8

Parque Empresarial do Camporês

3240-465 Chão de Couce

Portugal

Website: <https://divergencia.pt/>

E-mail: geral@divergencia.pt

Telefone: 962 083 369

O Grupo Editorial Divergência e Editorial Divergência são marcas da DNL Convergência, Lda.

Este livro foi criado por humanos, para humanos. Nele, não foi utilizada inteligência artificial generativa, e proibimos que o seu conteúdo e arte sejam utilizados para o treino e desenvolvimento de modelos e tecnologias de inteligência artificial.



**Financiado pela
União Europeia**
NextGenerationEU

CRÓNICAS
DE RAMÍREZ

Volume II

UM PACTO DE ALMAS

PRÓLOGO

— Atentai nas minhas palavras! Chegou a hora de vos insurgirdes contra os vossos opressores! — anunciou Gandolfini enfaticamente, de cima do tampo da cadeira, sobre a qual sobranceava toda a sala.

Diante de si estava uma plateia de algumas dezenas de trabalhadores do cais, vagabundos, e outros pobres diabos que se tinham deixado convencer pelas sedutoras promessas de um velho visionário.

— Mas as nossas famílias morrerão de fome se recusarmos trabalhar... — lamentou-se uma voz na dianteira.

— Não podemos lutar contra os grandes senhores! — afirmou uma outra, mais indignada.

— Podeis, sim! — refutou Gandolfini veementemente, na sua voz esganiçada, silenciando todas as outras vozes. — Podeis, se estiverdes unidos! Não mais sereis a ralé, que vos fazem crer que sois. Sereis fortes, pois sois muitos! Não entendeis, bom povo? A ordem do mundo está errada. Dos três pilares da sociedade, vós sois o pilar base. O que sustenta todos os outros. Pois eu digo: Sustentai-vos a vós próprios! Derrubai esses malditos pilares e arrastai essa corja parasita para a lama, à qual vos tem injustamente condenado durante séculos.

— É louco — clamou um jovem, rindo do discurso inflamado de Gandolfini, como se aos seus ouvidos este não passasse de um chorrilho de disparates. Outras vozes cépticas juntaram-se à sua.

JUSTICAR

As sombras dançavam no interior do salão nobre do palácio consular. Deslizavam fugazmente pelas paredes, rápidas e esquivas demais para que se captassem com o olhar. Sombras vivas que bruxuleavam de forma errática, livres e independentes da luz serena que emanava de centenas de velas, derretendo nos muitos castiçais e austeros lustres de ferro pendentes do tecto. Era um efeito deveras desconcertante.

Andrew, o Tenebrae, erguia os braços perante uma audiência repleta e semi-obscurecida, sentada cerimonialmente a observar o vampiro do clã das sombras, glamoroso e teatral em cada gesto que executava. Vestia apenas uma túnica de tecido negro, cintada com uma faixa requintada de exuberantes motivos dourados, aberta e revelando o alvo peito nu. Elevado sobre o palco coberto de carpete vermelha, sobre o qual ficavam o trono e os assentos do conselho vampírico de Génova, Andrew sobranceava todos os vampiros do domínio que haviam comparecido à sua convocatória. Eram muitos. Mais do que Andrew esperaria, e, por esse facto, estava deveras satisfeito.

Sentados na primeira fila encontravam-se Antonio, o abade Tenebrae, ladeado por Ramírez e De la Peña. Entre outros rostos indistintos e um pouco mais afastados, sentavam-se os dois Lunae, Loki e Mukade, usando, respectivamente, as aparências ilusórias da Venusi Maria e da sua aia, que haviam assassinado, e por cuja identidade se faziam desde então passar. A plateia estendia-se até ao fundo do salão nobre e, apesar das

inúmeras velas acesas, várias manchas negras cobriam zonas da assistência, distinguindo clara e estrategicamente onde outros membros do clã das sombras se sentavam. Estes eram Tenebrae menores que Andrew recrutara e reunira como o seu séquito. Não eram muitos, apenas um punhado, mas o suficiente para lhe garantir uma guarda pessoal, necessária à sua nova posição.

Como um actor representando num espectáculo trágico, Andrew aproximou-se de um pedestal disposto no centro do palco. Nele estava colocada uma salva de prata cerimonial, onde jazia uma coroa de prata, banhada em sangue. Tentáculos umbrais brotaram das costas de Andrew, em arco, abrindo duas asas tenebrosas de fiapos de negrura, escorrendo como fumo fantasmagórico. As pontas dos tentáculos, assemelhando-se a garras sinistras, tactearam e envolveram a coroa, elevando-a diante do rosto compenetrado do Tenebrae.

Andrew sorriu subtilmente e trocou um olhar de soslaio com Antonio, que o retribuiu com azedume. O abade considerava que Andrew estava a usurpar o trono, cuja guarda Antonio acreditava ter-lhe sido deixada por Kardhan, como seu primeiro conselheiro. Não para que um novo Príncipe tomasse o poder.

Os tentáculos torceram-se pelo ar, sinuosos, e coroaram Andrew. Um surdo clamor súbito instalou-se pelo salão. Os presentes moveram-se nos lugares, inquietos. Sentiu-se um calafrio geral e ninguém ousou falar. Gotas de sangue rubro pingavam da coroa para o rosto pálido de Andrew, escorrendo por ele abaixo. Os seus olhos estavam fechados teatralmente, como se aguardasse pelo clímax da tensão, enquanto as sombras aos pés dos presentes se agitavam, sem que ninguém notasse.

Andrew abriu então os olhos e cerrou os braços em cruz, arrancando as sombras de todos no salão e atraindo-as até si. Estas reuniram-se a seus pés, num vórtice umbral rodopiante. Andrew sorriu e dominou a plateia, confiante da imponente exibição de poder que acabara de manifestar. Depois falou regiamente.

— Meus súbditos vos declaro... pois estais agora no vosso devido lugar: sob a minha magnânima protecção!

Silêncio geral. O sorriso escarninho de Andrew manteve-se por alguns momentos até libertar as sombras a seus pés, as quais dispararam de volta aos seus respetivos donos.

— Esta noite, diante de vós, proclamo-me vosso Príncipe. Que sob a minha égide o nosso domínio possa encontrar a paz e prosperidade que todos pretendemos. Se assim não fosse,

certamente este salão não estaria repleto como se encontra. E por isso vos agradeço, meus súbditos. Ainda assim, e aproveitando a presença de praticamente todos os vampiros do domínio, aqui, não posso deixar de estender o convite a quem se achar no direito de contestar a minha pretensão ao trono de se fazer ouvir...

Novo silêncio geral. Alguns dos presentes remexeram-se nos lugares e mais do que um olhar discreto foi lançado na direção de Antonio. O abade, contudo, manteve-se impassível, de rosto fechado, a olhar em frente.

— Bom... — soltou Andrew, pigarreando. — Sendo assim, penso que podemos avançar. Antes de mais, gostaria de vos garantir que o meu reinado será um de continuidade, respeitando os preceitos do meu antecessor. Kardhan foi, creio ser de conhecimento geral, meu mestre. E, como tal, honrarei a sua anterior regência o melhor que puder, ainda que ele nos tenha abandonado numa altura difícil e... — Andrew descreveu um gesto floreado com a sua mão, como se afastasse um assunto pouco importante — mas divago. Falava sobre a continuidade, certo. Respeitando essa mesma continuidade, sentir-me-ia verdadeiramente grato se os membros do anterior Conselho assentissem em me coadjuvar nos labores da regência.

Antonio semicerrou o olhar em surpresa, não esperando por um momento que fosse que Andrew lhe permitisse algum tipo de poder durante o seu reinado.

— Maria, que dizes? — perguntou Andrew.

Loki, usando a aparência ilusória de Maria, piscou os olhos em confusão por um instante, antes de se aperceber que era a si que o novo Príncipe se estava a dirigir. Sem pensar muito, para ser o mais discreto possível, aquiesceu de pronto com uma ligeira vénia.

— Antonio? — inquiriu Andrew, e desta vez não tinha qualquer sorriso escarvalho nos lábios, para nova surpresa do abade. — Aceitas ser meu primeiro conselheiro e servir-me, como tão bem serviste a Kardhan?

O abade Tenebrae ergueu-se, hesitante, mantendo o rosto fechado para esconder a estranheza com que recebera o convite.

— Eu... — aclarou a garganta e concluiu numa voz mais grave e determinada com que havia começado — ...aceito — disse, surpreendendo-se a si mesmo desta vez.

— Ótimo! — exclamou Andrew, batendo as palmas das mãos. — Espera-nos muito trabalho pela frente e a nossa

primeira preocupação será colocarmos um novo cônsul no poder da cidade. É de vital importância que a república de Génova eleja um novo representante de acordo com os nossos interesses. O povo está inquieto, e a aristocracia genovense precisa de um pulso firme que a guie neste momento. Vamos precisar de toda a nossa influência para converter alguns destes ilustres cidadãos à nossa causa, na escolha do novo cônsul. Mas este assunto a seu tempo...

Andrew voltou a sua atenção novamente à plateia em geral, abrindo os braços e distendendo as sinuosas asas umbrais que mantinha às costas, para maior efeito teatral.

— Meus caros vassallos — proferiu condescendentemente —, sou um Príncipe que recompensa devidamente quem me serve com lealdade. Um Príncipe que mantém a palavra dada. E é por isso, e com grande honra, que vos anuncio o meu primeiro acto como vosso suserano. Acto este que visa suprir o cargo de Justicar do Conselho, desempenhado com distinção nos últimos anos pela minha pessoa. Não será fácil herdar tão pesado fardo, mas creio que o novo detentor da posição provará estar à altura. Tendo em conta o valor demonstrado nos recentes acontecimentos em benefício do domínio, é apenas meritório que nomeie o Zelus Ramírez como meu sucessor no cargo de Justicar.

Ramírez ergueu-se da plateia e subiu ao palco, colocando-se ao lado de Andrew. De peito aberto enfrentou a multidão presente, que o varava com olhares duvidosos. Discretamente segredou baixo para que apenas o Tenebrae pudesse ouvir.

— Lembra-te que apenas aceitei o cargo na condição de me deixares caçar o Gandolfini — sussurrou, entredentes, Ramírez.

— É todo teu — asseverou Andrew, baixinho, sorrindo depois para a corte ao se dirigir a todos na plateia. — O Príncipe falou!

O silêncio que se seguiu foi repentinamente quebrado por uma voz áspera e arranhada que se ergueu do fundo do salão.

— Esse Zelus não é digno do cargo! — denunciou um vulto encapuzado, fazendo com que todas as cabeças rodassem na sua direcção.

— Essa é uma acusação grave — avisou Andrew. — Ainda mais, se pensares que pões em causa a minha régia nomeação. Avança, descobre-te e expõe a tua queixa perante o Príncipe.

O desconhecido aproximou-se a passo decidido, enquanto De la Peña o seguia atentamente com o olhar. Retirou o capuz já

perto do palco para revelar a todos a sua identidade, provocando uma fungadela de reconhecimento em Ramírez.

— Tinha de ser... — proferiu sem disfarçar o seu desprezo, ao reconhecer o vampiro do clã Infirmus que lhe tinha saltado ao caminho na zona antiga do porto.

O Infirmus revelava uma cabeça calva, de pele enrugada e aparência repelente. O nariz, pontiagudo e verrugoso, condizia com as orelhas peludas, fazendo lembrar as de um rato. Apesar de estar tapado por um grosso manto castanho-escuro, que lhe cobria todo o corpo com a excepção da cabeça e mãos, o vampiro denotava um aspecto asqueroso e hediondo, ao qual ninguém se conseguia mostrar indiferente. Alguns murmúrios de asco fizeram-se ouvir discretamente pelo salão.

— O teu novo Justicar, ó Príncipe, — cuspiu o Infirmus — invadiu o meu domínio pessoal, ofendendo-me ainda por cima, quando o questionei acerca das suas intenções ali. Aquele outro também lá estava — apontou um dedo retorcido a De la Peña — e usou os seus poderes no meu território sem minha autorização.

— Que tens a dizer em tua defesa, Justicar? — inquiriu Andrew após uma pausa pensativa.

Ramírez respondeu, sucinta e secamente.

— Estava a desempenhar uma missão para o Conselho com o Skulp'tor De la Peña, quando este idiota se meteu no nosso caminho. Desconhecíamos que o território lhe pertencia, e mesmo depois de nos abordar foi arrogante e desrespeitoso, faltando com o seu dever de anfitrião. A meu ver, somos nós quem tem razões de queixa contra ele...

— Isso é mentira — retorquiu o Infirmus agressivamente, causando a pronta reacção de dois guardas vassallos de sangue, que se acercaram de partasanas erguidas.

— Não tolerarei semelhante comportamento na minha corte! — ripostou Andrew, autoritariamente, ameaçando o vampiro queixoso. — Anuncia o teu nome!

Os guardas circundaram o Infirmus, apontando-lhe a ponta das partasanas ao peito, imobilizando-o na sua ira.

— Grimaldo... O meu nome é Grimaldo — disse, tentando acalmar-se. Contudo, não conseguia disfarçar o ultraje que sentia. — Esta não era a justiça de Kardhan...

— Silêncio, vassalo! — ordenou Andrew, agora visivelmente melindrado. As sombras bruxulearam freneticamente por um momento, quando cerrou o punho na direcção do

Infirmus. — Não admito que questiones o meu sentido de justiça ou a minha liderança. Pela tua ousadia e insolência devia arrancar-te a língua, e sangrar-te para que não a regenerasses enquanto não aprendesses maneiras. No entanto, para te provar como sou justo, vou deliberar sobre a tua acusação.

Grimaldo rosou de frustração mal contida, não antevendo uma decisão favorável no seu sentido. Um burburinho assomou-se pelo salão, colocando Andrew numa posição fragilizada logo no início da sua tomada de posse. Teria de decidir rápida e correctamente para não levantar vozes de contestação. Lembrou-se então de um antigo costume que se poderia revelar bastante útil naquela situação.

— Tenho a tua palavra contra a do meu Justicar e de outro vampiro da minha corte, sem outras testemunhas ou factos que possam comprovar que tal sucedeu de uma forma ou de outra. Como tal, a minha deliberação é a seguinte — anunciou Andrew, pausando enfaticamente enquanto caminhava a passo lento em frente do trono. — Que os dois se defrontem num Desafio de Honra, como manda a tradição. Aquele que tombar revelar-se-á como culpado, e será punido de acordo com as nossas leis.

O rosto do Infirmus abriu-se num sorriso, o que provocou um calafrio de dúvida em Ramírez. Seria o maldito poderoso? Não tinha aspecto disso, mas Ramírez aprendera, havia muito tempo, a não julgar os inimigos pela sua aparência. Principalmente outros vampiros. Os vampiros na corte pareciam agradados com a ideia. Não pela deliberação, ou pelo seu sentido de justiça, mas pela perspectiva de um combate de arena, que era algo que não sucedia havia muitos anos, em Génova. De la Peña cruzou um olhar preocupado com o amigo. Não sabia exactamente do que um Infirmus era capaz em combate.

— Convido todos os presentes a assistir à contenda, que terá lugar imediatamente nas catacumbas do palácio — declarou Andrew, de braços abertos, agradado pelo entusiasmo revelado pela plateia. De seguida, aproximou-se de Ramírez, segredando-lhe ao ouvido — Toma o teu tempo... não o arrumes muito rápido, quero o meu público entretido.

— Estás assim tão certo da minha vitória? — perguntou o Zelus, de sobrolho franzido.

— Vem ter comigo assim que despachares o verruguento — indicou Andrew, acompanhando o seu Justicar para fora do salão. — Quero dar-te umas indicações antes de começares

a investigação de que te incumbi na outra noite. Lembras-te? Sobre descobrires quem foi o idiota que se alimentou de um humano e o matou, deixando o corpo exangue no meio do porto. Então? Entusiasmado? Será a tua primeira missão como meu Justicar. Podes levar o Schwarz contigo, se quiseres.

— De la Peña... — corrigiu Ramírez.

— Ou isso...

A arena nas catacumbas do palácio não era mais que uma alta e ampla sala de pedra fria e escura, assemelhando-se a um poço circular. A única entrada fazia-se através de um portão em grades de ferro, transposto o qual se estendia um recinto arredondado completamente vazio. Ao fundo das paredes, rente ao chão, pequenos orifícios na rocha, como sarjetas, serviam de escoadouro para o sangue e a imundície, após os brutais combates que havia muito não se realizavam. No topo das paredes da arena, no piso superior, alongava-se em todo o redor da sala uma varanda, na forma de um rude muro de pedra com cerca de uma vara de altura, de onde os espectadores assistiam aos combates. Um enorme castiçal sustinha-se do tecto, iluminando plenamente o poço, com as suas várias dezenas de velas acesas, pois esta noite haveria combate.

— Não são permitidas armas, como manda a tradição — anunciou Andrew, em voz autoritária para toda a audiência, ambas as mãos colocadas regiamente sobre a varanda de pedra negra.

Toda a corte vampírica estava presente para assistir à contenda. De la Peña estava ao lado do Príncipe, segurando *La Reyna*, a espada de Ramírez, contra o peito, e olhando nervosamente o chão da arena. Ramírez parecia impassível, as suas mãos unidas em frente à cintura. Não poderia usar a sua espada no combate, o que era uma desvantagem para si, pois estava habituado a depender da mesma. Grimaldo, no entanto, parecia sorrir confiantemente, mostrando as suas garras afiadas na ponta dos dedos decrépitos. O pesado e longo manto que envergava encobria a sua verdadeira estatura, deixando Ramírez a adivinhar se o *Infirmus* seria mesmo assim franzino e curvado, como deixava transparecer.

— Não é permitido a qualquer dos lutadores causar a morte final ao seu oponente, pois esse é um privilégio meu, o vosso Príncipe, que decidirá a justa punição a aplicar ao derrotado. Fora estas duas regras, todos os golpes e poderes são autorizados no Desafio de Honra. Combatei bem e que a Justiça

e a Verdade guiem os punhos do vencedor — declarou Andrew, dando sinal para que o combate tivesse início.

Os murmúrios dos espectadores cessaram imediatamente, assim que um guarda do palácio desfraldou um comprido estandarte vermelho e o agitou, serpenteando à brilhante luz do castiçal. O combate começara.

— Avisei-te de que te irias arrepender da tua ofensa — ciciou Grimaldo, arqueando as pernas e os braços, numa pose de combate agressiva. A sua face verrugosa conferia-lhe um aspecto intimidador, muito pouco humano, de orelhas pontiagudas com tufos de pêlo e longos dentes caninos afiados.

— Só me arrependo de não te ter arrumado logo naquela noite, no beco nojento de onde rastejaste. Ao menos no escuro não sentiria tantas náuseas como agora, por ver a tua cara podre assim à luz — insultou Ramírez, tentando levar o seu oponente a perder a calma e atacar desenfreadamente.

O Infirmus praguejou, soltando alguns impropérios com uma carranca medonha de ódio dirigido a Ramírez. Contudo, não se lançou como um possuído sobre o Zelus, como este pretendia. Ao invés, principiou a contornar o seu oponente, de braços amplamente abertos e pernas afastadas, rugindo como um animal feroz.

— Vais pagar caro cada insulto. Prometo! — ameaçou Grimaldo, tremendo o seu lábio superior em fúria mal contida. As suas unhas compridas reflectiam, brilhantes, à luz do castiçal.

— Pois eu prometo que te desfaço a cara com o primeiro golpe que te acertar — insultou Ramírez, flectindo ligeiramente as pernas, pronto para receber o ataque iminente do Infirmus que adivinhava surgir — o que aliás, poderá até ser uma melhoria à tua aparência...

Grimaldo rugiu desvairadamente, os seus olhos raiados de vermelho. Ramírez posicionou-se, elevando os punhos. O Infirmus carregou então, correndo na direcção do Zelus, mostrando os dentes num esgar horrendo. Num movimento dissimulado, Grimaldo abriu a presilha que lhe cingia o manto ao pescoço, e retirou-o, fazendo-o rodar, ondulante, sobre si. Agilmente, arremessou-o contra Ramírez enquanto corria, criando uma negra cortina de tecido que encobriu a visão ao Zelus. O manto caiu-lhe em cima num repentino assomo de pânico, pois Ramírez estava impotente para se defender, ou sequer vislumbrar o ataque do seu adversário. Esbracejando freneticamente, o Zelus atirou-se para o chão, engalfinhado

com o manto que parecia ter vida própria, contorcendo-se, remexendo e envolvendo-se em torno do seu corpo. Foi apenas quando sentiu uma dolorosa ferroadada no seu braço que Ramírez se apercebeu que havia algo de anormal naquele pesado manto. Rebolou pelo chão, tentando livrar-se do incomodativo empecilho, não sem antes sentir mais algumas dentadas acutilantes, entre guinchos agudos. Conseguiu por fim arrojá-lo para o ar, tirando-o de cima de si, e foi com horror que viu à luz do castiçal o seu corpo coberto por abjectas ratazanas vorazes de pêlo doentio e compridas caudas descarnadas. Muitas outras voaram com o manto, caindo a alguma distância. Porém, umas quantas fincavam-se de garras e dentes à roupa e à carne de Ramírez, os seus focinhos esguios fazendo verter sangue da carne exposta do Zelus.

— Darás um belo banquete para os meus amigos — grasnou Grimaldo, ostentando um sorriso malévolos na sua face grotesca. O seu corpo estava agora nu, revelando um sem número de verrugas e pregas de carne com um tom amarelento. Longe de ser musculoso, o corpo do Infirmus era franzino e parecia padecer de lepra, como se lhe faltassem algumas partes que tivessem apodrecido e caído, entre as quais o seu membro sexual, cuja ausência era notória entre as pernas, onde apenas uma grosseira cavidade se apresentava.

Ramírez cambaleou para trás, firmando as costas contra a parede, tentando arrancar a custo as obstinadas ratazanas de cima de si. O público manifestava-se na varanda superior, com assobios, apupos, ou efusivos gritos de incentivo, mas tudo isso parecia distante aos ouvidos do Zelus.

— Raios — resmungou, arrancando uma gorda ratazana do seu antebraço, cujas garras lenharam sulcos rubros ao ser puxada. A ratazana guinchou por um momento, antes de ser esmagada sem piedade contra as rochas negras da parede.

Cerca de uma dúzia de animais acercavam-se de Ramírez, rodeando-o como uma praga. O Infirmus sorria desdenhosamente atrás da linha de ratazanas. Antes que os desprezíveis roedores lhe chegassem aos pés, Ramírez saltou para a frente, por cima das ratazanas, queimando sangue dentro de si para acelerar o seu corpo. Grimaldo, no entanto, reagiu astutamente, e antes que Ramírez tocasse no chão, afastou-se para trás, tornando os seus contornos difusos e imperceptíveis, desaparecendo como por magia da vista do Zelus. Assim que os pés de Ramírez aterraram no solo da arena, dispararam com

SAVONA

O porto de Génova jazia sereno, embalado pelas ondas tranquilas no molhe. Levantava-se um nevoeiro fino, trazido pela gélida brisa do mar Mediterrâneo, envolvendo os grandes navios acostados num abraço brumoso. O silêncio pacato era apenas quebrado pelas sinetas das embarcações, que retiniam suavemente ao sabor da leve ondulação. A noite parecia pacífica, completamente alheia às tramas obscuras tecidas pelos vampiros, bem como aos pérfidos e ocultos acontecimentos por eles fomentados. Ignorantes de tudo isto, os cidadãos mortais dormiam descansados nas suas casas, enquanto o serviço nocturno da guarda genovense patrulhava as ruas da cidade no interior das muralhas, assim como no porto.

Um seixo arredondado rolou pelo solo pedregoso do molhe, ao ser chutado por Achille, o soldado de serviço aos armazéns do porto de Génova. Entediado pela quietude das horas mortas, ia pontapeando a pequena pedra repetidamente, tentando afugentar o sono que teimava em fazê-lo bocejar. Contornando a esquina do grande armazém de pesca pela enésima vez, desde que iniciara o seu turno, julgou ver dois vultos ao longe, esbatidos entre a bruma. Os vultos caminhavam na sua direcção, pelo que Achille decidiu parar com a ponta da partasana elevada, aguardando pelos dois desconhecidos.

— Alto! — bradou o guarda, ainda a alguma distância dos dois vultos. — Quem vem lá?

Os vultos não responderam de imediato, mantendo o

passo decidido durante mais alguns instantes até ficarem perto do guarda. Assim que os seus rostos ficaram visíveis, o mais baixo dos dois respondeu.

— Monsenhor De la Peña e o barão Don Ramírez, meu bom homem — anunciou De la Peña, como se a revelação dos títulos fosse o bastante para satisfazer o soldado.

— Estas não são horas convenientes para os senhores andarem na rua — salientou Achille, erguendo o sobrolho ao perscrutar os dois homens.

Um era alto e entroncado, envergando duas placas peitorais de metal, fixas sobre um corselete de couro fervido. Presa na bainha do cinto, pendia uma enorme espada de mão e meia, o punho minuciosamente burilado em forma de coroa armilar. O rosto severo do barão estava marcado, na face esquerda, por ténues linhas rubras, na forma de uma antiga cicatriz, como se tivesse sido rasgado, havia muito tempo, pelas garras de um qualquer animal selvagem. O fino e delicado bigode retorcido nas pontas e o triângulo invertido de barba por baixo do lábio inferior completavam o retrato do nobre. O seu companheiro estava estranhamente vestido para um membro do clero, trajando calças de tecido escuro e um colete de cabedal sobre uma camisa castanha. Era muito bem parecido, quase como se possuísse um ar angelical, de rosto harmonioso sob um fino cabelo castanho-claro ondulado. Embora parcamente vestidos para uma fria noite de Inverno, pareciam no mínimo corresponder ao aspecto de quem diziam ser.

— Não conseguíamos dormir e decidimos dar um passeio pelo porto, para arejar as ideias. Não é motivo para se preocupar — retorquiu De la Peña, tentando despachar o guarda o mais rápido possível sem levantar suspeitas.

— Com o frio que está, os senhores deveriam estar dentro de portas. De qualquer forma, esta área é restrita. Absolutamente ninguém pode ter acesso aos armazéns durante a noite — explicou Achille, dando a entender com um ligeiro aceno de cabeça que os dois teriam de retroceder.

— Pareces-me um soldado honrado e com forte sentido de dever — intercedeu Ramírez, olhando Achille nos olhos — e como tal vou revelar-te um segredo, pois acredito que podemos contar com a tua colaboração.

Ramírez exerceu a sua presença sobre o guarda, suavizando o modo como este o via, e imediatamente a disposição de Achille se alterou perante o Zelus. De desconfiado

passou a solícito, e até entusiasmado por tão importante senhor reconhecer o seu valor.

— Sim, senhor! — respondeu prontamente de peito inchado, colocando-se em sentido, de partasana erguida ao longo do corpo hirto.

— Eu e o monsenhor De la Peña estamos a investigar um caso grave. É do conhecimento de muito pouca gente, pelo que necessitamos do máximo secretismo. Não te apoquentes, pois não terás de descurar as tuas obrigações — esclareceu Ramírez. — Nós vamos investigar uma rua ali mais adiante, depois dos armazéns.

— Que posso fazer então, meu senhor?

— Executas a tua ronda, tal como tens feito. Precisamos que te mantinhas vigilante e não deixes mais ninguém passar este ponto. Entendido, soldado?

— Entendido, senhor!

— Podes destroçar e continuar, soldado. Certificar-me-ei que te promovam se cumprires bem a tua missão.

Achille acenou orgulhosamente com a cabeça, observando o nobre e o clérigo ao afastarem-se, estugando o passo. De seguida, cingiu o cabo da partasana nas mãos firmes e patrulhou com devoto afinco a sua área designada.

— Foi a primeira vez que te vi fazer semelhante coisa — disse De la Peña, admirado. — Usaste um poder, presumo...

— Sim — confessou Ramírez. — Um que muito raramente emprego. Não me agrada impor a minha vontade sobre os outros, mesmo de uma forma branda como esta.

— Acredita que já vi alguns vampiros imporem a sua vontade sobre as suas vítimas, e não é nada comparado com o que acabaste de fazer. Existem poderes que forcem sujeitos a cometer actos que vão completamente contra a sua natureza. São tão coercivos na sua opressão, que podem mesmo destruir a mente dos mais fracos e tirar-lhes toda a sua força de vontade. Diz-se que os Tenebrae e os Praetor são particularmente adeptos deste poder. Não é à toa que entre os dois dominam praticamente todos os reinos europeus.

— Ainda assim, não me agrada... apesar de Marisha me ter mostrado outros usos menos opressivos para exercer a minha presença. Diz-se que, com grande mestria, um vampiro pode levar outros a perderem-se por ele numa paixão assoberbada, entregando-se de corpo e alma a todos os seus desejos e vontades. Opressivas ou não, para mim são maneiras distintas para um mesmo propósito: tornar outra pessoa num escravo.

— Presumo, então, que não queiras desenvolver esses poderes — supôs De la Peña.

— Presumes bem — sorriu Ramírez. — Desde que fui para Jerusalém que não pratico senão a minha força e rapidez. E ultimamente tenho-me descurado na minha disciplina marcial, com toda esta azáfama. Quando voltar a Alarcos vou dedicar mais tempo aos treinos.

— Querias fazer um buraco maior do que aquele que fizeste na cara do Infirmus, era? — brincou De la Peña, enquanto deixavam a zona dos armazéns e penetravam numa rua escura de casas pequenas e altas, ainda no porto.

— Nem todos os adversários que encontrar serão como esse miserável, que arrumei com um só golpe. E não me refiro só a querer desenvolver ainda mais a minha força. A Marisha, por exemplo, não é tão forte, mas é muito mais rápida. Que me interessava saber que a podia destroçar com uma espadada, se nem um golpe conseguia encaixar quando ela me punha à prova? E lembras-te do lupino há poucos meses? Nem sei como escapámos inteiros.

— Ora... Adversários como esses são raros, e sabe-lo bem.

— Basta apenas um para pôr termo a tudo — lembrou Ramírez, em grave tom fatalista. — Prefiro estar precavido, estando o mais forte possível nas minhas capacidades.

— Espera — alertou subitamente De la Peña, apontando para a frente. — Acho que é ali. O que foi que te disse o Andrew?

— A casa alta, na Via delle Mare, feita de madeira de choupo, mesmo ao lado do açougueiro do porto.

Correspondendo à descrição, ali estava a casa que ambos procuravam. Esta era a casa do vampiro Algol, que por sua vez era o alvo da missão que o Príncipe Andrew havia incumbido a Ramírez.

Ramírez fora chamado à sala do Conselho para receber a sua primeira missão como Justicar, depois do desgastante Desafio de Honra contra Grimaldo, que aguardava em torpor a justa punição por levantar falsas suspeitas contra um membro do Conselho. Aparentemente um dos vampiros do domínio havia quebrado uma das ancianas tradições, assassinando um humano, esvaindo-o ao se alimentar, e deixando assim à vista marcas da sua existência perante o mundo humano. O corpo fora encontrado exangue na manhã seguinte pelos estivadores, a caminho da doca. Deveras intrigante fora o facto de que mesmo que a morte tivesse sucedido por acidente, no mínimo,

o assassino teria escondido o corpo. Todavia, o cadáver ficara ao relento, no meio da rua, como se deixado lá propositadamente para ser encontrado. Como não havia qualquer pista ou indício quanto ao culpado, Andrew ordenou ao seu novo Justicar que averiguasse junto do vampiro responsável por aquele território: Um Zelus de carácter rebelde e temperamento explosivo, de seu nome Algol, cujo refúgio conhecido era a habitação da qual se aproximavam agora.

— Será que está em casa a estas horas? — questionou-se De la Peña, mirando as janelas barradas. Ramírez bateu à porta, não obtendo qualquer resposta.

— Talvez este não seja o seu refúgio habitual. Segundo sei, todos os vampiros do domínio são obrigados a declarar o seu local de repouso, informação esta que fica apenas na posse do Príncipe. No entanto, aposto que a maioria opta por refúgios alternativos, como meio de se sentirem mais seguros e em maior privacidade.

— E então? Queres tentar entrar? — perguntou De la Peña.

— Nem sei porque ainda perguntas... — sorriu Ramírez, acercando-se da porta e encostando o possante ombro à madeira.

Com o impulso do encontrão seco do ombro de Ramírez, a porta cedeu pelo ferrolho da fechadura, provocando um estalido ao quebrar, e um ranger moroso, ao abrir lentamente para dentro. O interior estava negro como breu, pois a lua nova estava oculta no céu, deixando as ruas estranguladas do porto imersas nas mais escuras trevas. Ramírez entrou cautelosamente, pouco descortinando da divisão. De la Peña entrou logo a seguir, intensificando os seus cinco sentidos. Com a visão mais apurada, o Skulp'tor vislumbrou uma divisão que ocupava todo o piso inferior da casa. Era um espaço amplo e quase vazio, como se estivesse abandonado, o que era característico do refúgio de um vampiro. O piso de cima, ao qual se acedia por umas escadas encostadas à parede do fundo, parecia ter abatido, pois grande parte do soalho revelava enormes buracos, através dos quais se podia ver o tecto. Uma robusta mesa de madeira encontrava-se mais à frente, do lado direito da porta, pouco antes das escadas. Silêncio absoluto reinava dentro da casa. Indicando a Ramírez que o seguisse, De la Peña aproximou-se da mesa, pois reparara que sobre ela estavam alguns papéis espalhados. Efectivamente, assim que se abeirou, reconheceu um mapa da região, aberto sobre outros documentos espalhados pelo tampo.

— Que descobriste? — inquiriu Ramírez em voz baixa.

— Alguns papéis, mas não consigo ler com esta escuridão. Talvez devêssemos ter trazido tochas...

— Pega em tudo o que aí estiver e damos uma vista de olhos, com calma, no mosteiro — sugeriu Ramírez. — De qualquer forma não parece que esteja cá ninguém.

Os dois amigos assim fizeram, encostando a porta de fechadura partida atrás de si ao saírem. Não deram conta do par de olhos que os seguira do topo das escadas, enquanto levavam o mapa e os registos ali deixados deliberadamente. Passos pesados fizeram ranger suavemente as escadas, ao descerem para o piso inferior, agora que os dois visitantes, havia muito esperados, tinham deixado a casa. Embora ninguém o visse, Algol sorria. O plano estava a dar certo.

— Isto é um mapa da Ligúria — constatou Ramírez, observando a cidade de Génova, que era a capital das quatro províncias que formavam a região. — E os traços entre os portos marítimos parecem-me rotas comerciais. Há aqui um bastante vincado, entre o porto de Génova e Savona. Que dizem esses documentos?

De la Peña pesquisava os registos à luz das velas, no quarto de Ramírez.

— São registos de mercadorias. Principalmente artigos de luxo. Tudo em nome do nosso amigo Algol com destino a Savona, para um tal de Aiolos. Sedas e especiarias sem taxas de porto... que interessante! A Maria vai adorar saber que andam a fazer contrabando mesmo debaixo do seu nariz.

— Conheces este tipo? — perguntou Ramírez.

— Quem? O Algol? Não posso dizer que sim. Talvez o Antonio nos saiba dizer algo acerca dele.

— Parece-me que não está muito contente com os últimos acontecimentos. Reparaste que nem sequer me foi ver combater? Acho melhor termos uma conversa com ele.

Antonio, contudo, não estava no seu gabinete quando os companheiros o procuraram, e foi só enquanto desciam para o salão de recepção que deram de caras com o abade, que subia apressadamente, acompanhado do irmão Alberigo. O seu rosto, normalmente afável, mostrava-se fechado, mal cumprimentando os seus protegidos ao passar por eles.

— Ei, Antonio! — chamou De la Peña, já o abade lhes tinha virado as costas, continuando a subir as escadarias. — Precisávamos de falar contigo.

O abade estacou por um momento, voltando-se depois para encarar os dois, alguns degraus acima. Estava visivelmente carrancudo.

— Não me digam... Querem aconselhar-se comigo sobre se devem aliar-se ao novo Príncipe? Ah... mas já me esquecia. Já o fizeram sem me consultar. Portanto não sei o que possam ter ainda a conversar com um velho inútil como eu...

Ramírez e De la Peña trocaram um olhar surpreendido com a amargura de Antonio.

— Não, espera. Não é nada disso — Ramírez tentou fazer com que o abade o ouvisse, mas era tarde demais. Antonio desaparecia já pelo corredor ao cimo da escadaria, seguido de perto pelo silencioso e discreto Alberigo.

— Deixa-o ir. Talvez não seja a melhor altura para falarmos com ele — ponderou De la Peña, colocando a mão no ombro de Ramírez, que ficara visivelmente magoado com a atitude do abade.

— Mas que raio se passa com ele? Tudo isto só porque o Andrew me nomeou Justicar?

— Não te esqueças de que o Antonio era o segundo na hierarquia, a seguir ao Kardhan. Não deve ter sido fácil para ele ter de se submeter à regência de um tipo como o Andrew. Sei que ele te ajudou a tirar-me das garras dos Infernalistas, mas tens de admitir que não passa de um filho da mãe arrogante e interesseiro, e a partir do momento em que não tivermos qualquer préstimo para ele descarta-nos sem sequer pestanejar — afirmou De la Peña.

— Não querendo estar a defendê-lo, mas já consideraste bem em que é que o Andrew difere da maioria dos outros vampiros, ou até mesmo dos humanos, nesse aspecto?

— Certo... — anuiu De la Peña. — Mas o Antonio não é assim. E nós também não.

Ramírez desceu com De la Peña para o jardim do claustro. A noite invernal, apesar de fria, não se revelava incómoda para os vampiros, e os dois aproveitaram o sossego debaixo do frondoso limoeiro do jardim, sentando-se num banco de pedra. Uma brisa fresca voou pelo claustro, fazendo as folhas do limoeiro restolhar num rumorejo aprazível.

— Não me parece que encontremos esse Algol ainda por aí, sabes...? — comentou Ramírez, mudando de assunto. Estava dobrado, com os cotovelos apoiados nos joelhos e as mãos unidas, pensativamente.

— Porque dizes isso? Não o apanhámos em casa, mas deve estar algures pela cidade — desconfiou De la Peña. — Achas que foi ele que matou o humano?

— Acho que, se de facto foi ele, já deve ter saído da cidade. Pelas marcas furiosas deixadas no cadáver, quem quer que tenha sido provavelmente sucumbiu a um estado de frenesim pela fome extrema das semanas de reclusão. Pelo que o Andrew me contou, o Algol é um Zelus de temperamento extremamente volátil, mais ainda que um típico Zelus, e, se perdeu o controlo e matou o pobre estivador, deve ter fugido a sete pés enquanto pôde. Ele sabia que, mais cedo ou mais tarde, o Justicar haveria de vir bater-lhe à porta e aproveitou o estado caótico do Conselho para se escapular. A morte ocorreu algum tempo depois dos Inquisidores abandonarem a cidade, um ou dois dias antes da Batalha da Torre. Por essa altura estavam todos ainda refugiados a aguardar um sinal de que era seguro voltar a sair. Presumo que tenha abandonado a cidade numa dessas noites. Era o que eu teria feito no seu lugar.

— Espera... Acho que sei quem é esse sujeito afinal. Agora que mencionaste o temperamento do tipo, lembrei-me de um Zelus, ou pelos menos suponho que era, pois acompanhava sempre o grupo de mercadores Zelus aqui de Génova nas reuniões do Conselho. Tinha um aspecto muito pouco discreto. É um fulano musculado, de aspecto duro e rude, sempre em tronco nu, com uma comprida guedelha negra. Deixa um pouco a desejar no que diz respeito em manter a mascarada perante os humanos. Contudo, só o conheço de vista, se for esse o Algol.

— Rebelde e temperamental... — ponderou Ramírez. — Leis e regras não devem ser muito do seu agrado. Não admira que esteja metido em contrabando mesmo debaixo do nariz da Maria e do Príncipe.

— O que vais fazer para o encontrar, agora? — perguntou De la Peña.

— Perguntar ao receptor das mercadorias em Savona, aquele nome que aparece nos registos — afirmou Ramírez, levantando-se e ajustando *La Reyna* ao cinto.

— O Aiolos? Então, mas queres ir a Savona? — inquiriu De la Peña.

— É só marcar uma passagem no próximo navio mercante. Vou informar o Andrew que nos vamos ausentar durante umas noites. Vens também, claro?

— Aonde? Informar nossa “alteza” ou contigo a Savona?
— Ambos... — sorriu Ramírez.

*Viernes, oitavo dia de Fevereiro — Anno Domini 1151
Génova — Mosteiro*

A minha queda continua...

O dever leva-me a abandonar Génova. Rumarei a Savona por algumas noites apenas, espero, em busca de pistas sobre o paradeiro do Algol. Conto não me delongar com este assunto, pois pretendo, o mais rapidamente possível, começar uma caçada implacável ao Gandolfini. Ter o maldito na ponta da La Reyna. Sonho com isso todos os dias...

Tal como sonho com a pobre Paola. São pesadelos, na verdade. A voz dela assombra-me, gritando o meu nome enquanto cai. Todas as manhãs, quando fecho os olhos para dormir, o revejo. É tudo o quanto recordo dela, já, lamento dizê-lo. Tudo o que me resta. Vingança!

Ela era tão pura e inocente. Porque não a consegui eu amar? Certamente não teria sido difícil..., mas não consegui mostrar mais do que compaixão pela rapariga, que tão devotamente me entregara o seu cândido coração. Talvez as coisas tivessem sido diferentes. Talvez a tivesse poupado à dor e à angústia que a levaram ao seu fatídico fim, se tivesse aceitado o seu amor e o seu pedido de a transformar... ou talvez a tivesse condenado a uma maldita existência, desprovida de tudo o que de puro e imaculado a rapariga irradiava em vida. O meu coração rejeitou profanar de tal forma Paola... por pena? Por compaixão? Ou simplesmente porque não a amava?

Nunca poderia ter amado a Paola, e não a transformei porque não a amava. Minha doce Miriam, nunca poderei amar outra...

E se a Miriam mo pedisse???... pergunto-me abismado pela enormidade desta consideração! Sem sombra de dúvida conheço a resposta que prontamente rebenta no meu coração. Seria egoísta? Seria malévolos considerar sequer semelhante ideia? Condenar a minha eterna amada à minha própria maldição, partilhando toda uma infinita imortalidade e felicidade do seu lado. O meu coração ganha vida, exaltando de desmedido entusiasmo, como se essa louca e inalcançável possibilidade pudesse, de alguma forma, fazer ainda sentido.

Quiç De Alonso Ramírez

UM ADVERSÁRIO LETAL

— Ora, Andyzinho... bem que podias satisfazer a minha curiosidade — disse Loki na sedutora e melosa voz da Venusi Maria.

O seu dedo comprido de unha escarlata acariciava o rosto de Andrew, descendo languidamente desde a testa, passando suavemente pelo nariz, demorando-se provocadoramente nos lábios frios do Tenebrae, e terminando com uma unhada atrevida no queixo do Príncipe, que verteu uma diminuta gota de sangue. A mão de Andrew subiu rápida como uma serpente, cingindo com demasiada força o pulso escanzelado de Loki, debaixo da aparência de Maria.

— Quantas vezes já te disse eu, que os teus avanços são inúteis? Os teus encantos, se é que os tens, são desperdiçados em mim — rejeitou Andrew asperamente, afastando com rudeza a mão de quem ele pensava ser a provocante Venusi. — Para que queres tanto tu saber do Gandolfini? Não percebo essa insistência.

— Oh, nada de mais, nada de mais — disfarçou Loki, fitando fugazmente Mukade, que estava espreado sozinho numa poltrona acolchoada, olhando desinteressadamente para uns longos cortinados floridos. Mantinha a aparência ilusória de uma aia demasiado alta e magra.

Andrew estava sentado num sumptuoso tamborete, enquanto dois jovens pajens de olhar mortiço o vestiam minuciosamente. Um outro rapaz entrou, trazendo uma jaqueta

de pele curtida em tons creme, vestindo-a por cima da camisa branca de folhos que o Príncipe envergava.

— Tens andado esquisita ultimamente. Que é feito da tua corte de Venusi lambe-botas que te seguiam para todo o lado? — inquiriu Andrew, esticando os braços para que um dos pajens lhe ajustasse os punhos.

— Cansei-me deles. Aborreciam-me com as suas conversas entediadas — replicou Loki, rodando o pulso de Maria com um ar enfasiado, enquanto se sentava na cama de dossel do quarto do Príncipe. — Devem andar por aí, sei lá.

Andrew devolveu-lhe um olhar de soslaio, levantando-se para que os pajens lhe apertassem as fivelas das botas. O Tenebrae vestia regimento desde a tomada de posse, fazendo jus ao seu novo cargo na sumptuosidade da sua indumentária. Mais ainda do que Kardhan. Ainda sem uma posição oficial aos olhos dos humanos, Andrew mantinha-se ocupado em estabelecer contactos e exercer influência junto dos mais proeminentes membros da aristocracia genovense. Alguns dos quais, possíveis candidatos a suceder ao defunto Leggero como cônsul. Esta noite estaria presente numa festa organizada pelo barão Lombardo, no seu castelo fora da cidade, na qual estaria também a nata da nobreza genovense, bem como os mais ricos e influentes mercadores da cidade. Ouro, exército, poder... tudo ao seu alcance, bastando para isso controlar os abastados aristocratas.

— Então, mas não sabes mesmo nada do Gandolfini...? — insistiu mais uma vez Loki.

— Já te disse que não, e o meu Justicar anda atarefado com outros assuntos mais prementes — respondeu Andrew, alheadamente, apreciando as luvas de pele de gamo que havia acabado de calçar. Um dos pajens pegou num pente e começou a alisar delicadamente o cabelo curto do Príncipe, desembaraçando-lhe qualquer torvelinho, enquanto lhe aplicava um bálsamo perfumado.

Frustrado, o Lunae acabou por se levantar e cruzar o quarto na passada felina e bamboleante da sedutora Maria. Mukade tamborilava os dedos nos joelhos, numa distraída pose pouco digna de uma senhora, de pernas ligeiramente apartadas. Todavia, ninguém parecia dar-se conta.

— Como estão a correr os teus encontros com os nobres? Já há alguém a obter o favor da maioria? — perguntou Loki.

— Já tenho uns quantos debaixo de olho, que me

parecem ter alguma primazia. A Igreja não vai apoiar nenhum directamente, segundo consta. Os mercadores, principalmente os mais abastados, parecem favorecer o conde Adamo Di Treviso. É um filho da mãe de pulso firme e fama de duro. Só a riqueza pessoal dele chega para encher os cofres da cidade durante anos, e tem quase tantas terras como toda a região da Ligúria junta. Mas já devias saber tudo isto, se te ocupasses das tuas guildas como devias — admoestou Andrew, com um certo azedume, levantando os braços para que o pajem apertasse a fivela do cinto. — Segundo ouvi dizer, as guildas têm andado com quezílias entre si, acusando-se mutuamente de instigar problemas com os trabalhadores nas docas. Não tarda, alastra-se às quintas nos arredores e depois teremos sérias dificuldades em manter o comércio a fluir. Queres-me explicar o porquê destes distúrbios, e porque ainda não fizeste aparentemente nada para os aplacar?

— Não te devias preocupar com assuntos que só a mim dizem respeito — respondeu Loki secamente, na voz de Maria, abandonando a postura sedutora e assumindo um tom glacial. — As guildas pertencem-me. A mim! Maria, a Venusi... não ao Príncipe. Faça com elas o que me convier.

Andrew fitava agora a imagem sublime de Maria com um olhar intrigado, enxotando os pajens pouco respeitosa-mente, que, de qualquer forma, já haviam terminado a morosa tarefa de o vestir. Até Mukade observava os dois atentamente, sob a aparência da deselegante aia, depois da tirada ousada de Loki. O Lunae estava a arriscar-se demasiado, falhando em representar à risca a identidade da Venusi, sempre tão cortês e ponderada. Porém, a frustração de não estar a tirar partido em fazer-se passar por Maria para obter informações sobre Gandolfini, e as incómodas e fastidiosas contrapartidas que vieram por acréscimo ao roubar a identidade da Venusi, haviam minado a sua já de si estirada paciência. Estar na pele da cabra Venusi acarretara enfadonhas e intermináveis reuniões, quase diárias, com os representantes das várias guildas. Para além disso, não suportava a tagarelice e a delicadeza exagerada do maldito séquito de Venusi inferiores, que seguiam Maria para todo o lado. Loki sabia que não era o mais acertado a fazer, mas a sua obsessão em encontrar Gandolfini fizera com que descartasse todas as outras distrações da sua mente, mesmo que perigasse o seu disfarce. De qualquer modo, a Maria estava a revelar-se de pouco préstimo para os seus objectivos, e já começava a ponderar abandonar o plano de se fazer passar pela Venusi.

— As guildas até podem ser tuas, mas a cidade é minha!
 — esclareceu Andrew, numa voz pausada, que não deixava margem para dúvidas sobre quem detinha ali a autoridade. — E quero esse assunto resolvido rapidamente. Entendeste bem?

Andrew ajeitava a gola emprouadamente, nem sequer olhando para Loki, que cerrou os dentes, ultrajado pela arrogância do Tenebrae. Os pajens permaneciam na câmara do Príncipe, com olhares mortiços e atarantados, desprovidos de vontade própria. Controlando-se para não fazer um disparate e deitar tudo a perder, Loki virou as costas a Andrew, fazendo rodar o vestido e o cabelo negro, que balançaram seguidamente ao ritmo do andar bamboleante tão característico da bela Maria.

— Anda, serva... É melhor irmos andando, que aqui o senhor importante está tão apertado que nem lhe cabe um pauzinho pelo cu acima, embora aposte que ele até nem se importasse...

Andrew ignorou o insulto, com um sorriso escarninho, enquanto via a aia de Maria levantar-se atabalhoadamente e segui-la porta fora, num andar desarticulado, até se perderem ambas de vista, ao contornarem a esquina ao fundo do corredor.

— Se é luta que pretendes, vais tê-la! — asseverou De la Peña, avançando e colocando-se à frente de Ramírez, para enfrentar Algol, enquanto retirava o colete e a camisa e os lançava ao chão.

Algol mantinha-se alguns passos mais adiante, rodando ambas as espadas longas nas suas hábeis mãos, em ameaçadores molinetes. O seu rosto estava encoberto na penumbra, por detrás da escura cortina de cabelos negros. Ainda assim, um confiante sorriso revelava-se entre os fiapos da sua extensa cabeleira, irritando os dois amigos.

— Fica quieto. Que vais fazer? — segredou Ramírez, nas costas de De la Peña.

— Revelar uma “grande” surpresa a este fanfarrão...

O Skulp'tor queimou sangue dentro de si e iniciou a transformação para a sua grotesca forma de guerra. Os músculos do torso revolveram e incharam, alterando-se a olhos vistos, para espanto de Algol. Este não esperou o que estava para vir e, célere como um raio, rápido demais para que De la Peña pudesse sequer reagir, lançou-se para a frente, fincando

o seu pé direito no chão, dobrando o joelho, tronco impellido para baixo, e perna esquerda distendida para trás, arremetendo ambas as espadas numa dupla estocada frontal, que varou o Skulp'tor de um lado ao outro. A espada empunhada pela mão esquerda atravessara o abdómen de De la Peña, enquanto a sua homóloga perfurara o peito, bem perto do coração.

— NÃO!!! — gritou Ramírez, recuperando do choque do ataque inesperado de Algol.

Sem pensar, deitou a mão ao ombro de De la Peña e puxou-o para trás com tão forte sacão que, se não fosse pela firmeza de mãos, Algol teria visto as suas espadas serem-lhe arrancadas, juntamente com o corpo do Skulp'tor. Fios de sangue soltaram-se no ar, enquanto o corpo era projectado para trás, caindo com estrondo de costas no chão. Como duas línguas sedentas de sangue, as espadas de Algol retraíram-se, pingando chuva escarlate, quando este recuou dois passos ligeiros, como se dançasse, rodando as armas à sua frente e entrecruzando-as num vistoso padrão.

— Senhor, dai-me forças... — balbuciou De la Peña, meio metamorfoseado e jazendo estropiado no chão, ao soerguer a custo a cabeça e vislumbrar os profusos ferimentos no seu torso, dos quais jorrava sangue em torrente.

Ramírez desembainhou *La Reyna* vagarosamente, que retiniu com um arrastado som metálico, como se entoasse um desafio. De seguida, colocou-se protectoramente entre o corpo prostrado de De la Peña e o Zelus inimigo. O olhar confiante de Algol prendeu-se no seu. Ramírez enfrentou-o, erguendo *La Reyna* numa guarda alta.

— Agora nós...

Ramírez não aguardou a resposta do seu oponente, pois explodiu subitamente em acção, percorrendo a distância que os separava em dois passos largos, trazendo *La Reyna* para baixo num feroz corte transversal, que visava podar Algol em dois. Ágil como uma serpente, Algol cruzou as suas lâminas, entrechocando-as com a espada de Ramírez, a meio do golpe deste. Rapidamente, não contestando a força superior de Ramírez, Algol desviou-lhe *La Reyna* num movimento fluido, trazendo-a inofensivamente para baixo, abrindo-lhe a guarda. Aproveitando o peito exposto de Ramírez, Algol desprende a espada da mão direita das outras, rodando sobre si para golpear o Justicar num corte rotativo. Conseguindo antecipar o movimento de Algol, Ramírez agachou-se no último instante,

sentindo ainda a deslocação do ar por cima da sua cabeça, assim que a espada de Algol a rasou por um fio de cabelo. Ramírez tirou então partido do desequilíbrio do seu oponente, carregando de ombro contra o peito aberto de Algol. Este acusou o golpe, ao sentir o chão fugir-lhe debaixo dos pés, e caiu para trás. Todavia, como se de uma serpente se tratasse, Algol enrolou-se numa destra cambalhota, saindo da aparentemente descontrolada queda com um salto repentino. No mesmo movimento trouxe a espada da mão esquerda acima num corte traiçoeiro, que lenhou ainda o queixo de Ramírez com a viperina ponta aguçada.

— Raios... — praguejou Ramírez, recuando aos tropeções e levando a mão ao queixo cortado.

As apresentações formais haviam sido feitas, e o verdadeiro combate podia então ter início. Erguendo a espada da mão direita, com a convidativa ponta virada para baixo, Algol susteve Ramírez no seu olhar por uns breves instantes de desafio. No momento seguinte, a lâmina havia desaparecido, reaparecendo logo depois com a sua irmã gémea, cortando o ar venenosamente quase em cima de Ramírez. Se ainda respirasse, Ramírez teria sustido o fôlego perante tão assombroso ataque, e foi apenas queimando sangue para acelerar o seu corpo que conseguiu trazer *La Reyna* acima, de modo a interceptar as espadas do seu verdugo. A aceleração, contudo, não lhe proporcionou qualquer vantagem, pois a ferocidade dos ataques de Algol mantinha Ramírez numa desesperada postura defensiva. Chispas faiscavam, enquanto as lâminas sibilavam numa dança conduzida pelas espadas gémeas de Algol. A velocidade das paradas e respostas dos dois esgrimistas era alucinante, e Ramírez viu-se obrigado a queimar mais sangue, apenas para continuar a aparar a maré incessante de assaltos. *Espero que o filho da mãe também esteja a queimar sangue...* pensou Ramírez, começando a ficar alarmado pela pressão constante que o outro Zelus impunha, obrigando-o a recuar.

Enquanto Ramírez tentava manter o seu oponente à distância, tirando partido da maior amplitude da sua espada de mão e meia, bem como dos golpes mais poderosos, Algol dançava graciosamente numa miríade de movimentos fluidos, executando cada passo como um bailado mortífero.

Aproveitando um ataque mais ousado de Algol, do qual se esquivou com uma brusca torção de corpo, Ramírez arremeteu *La Reyna* num poderoso contra-ataque lateral, pronto a tolher o torso do seu adversário num só golpe. Surpreendido pela

fria técnica de Ramírez, ainda assim, Algol reagiu a tempo de trazer a espada da mão esquerda acima, com uma lesta rotação de pulso, recebendo o brutal impacto da lâmina de *La Reyna*. Algol conseguiu, com alguma sorte, deflecti-la enquanto esta resvalava pela folha da sua arma acima, até se cravar, com o potente ímpeto que trazia, na viga de madeira, junto à qual o hábil guerreiro de tronco desnudo se agachou ao receber o golpe. Vendo-se subitamente exposto numa posição vulnerável, Ramírez saltou para trás, arrancando com força *La Reyna* do barrote onde estava profundamente cravada, todavia, não a tempo de evitar o ataque esperado do inimigo, que fez a espada da mão direita rasurar o seu ventre, cortando-lhe o espesso corselete de cabedal, camisa e carne, num lanho doloroso.

— Não és mau de todo — elogiou Algol, rodando ambas as espadas nos pulsos flexíveis. A folha da lâmina da espada que empunhava na mão esquerda apresentava uma boca profunda, do choque potente da lâmina de Ramírez.

— Mas quem raio és tu? — perguntou Ramírez, erguendo *La Reyna* novamente numa guarda alta. A lâmina mantinha-se perfeitamente incólume, reflectindo as chamas das tochas dispostas pelas vigas ao longo do armazém.

— Sou Algol — ripostou o outro simplesmente — e o anciano sangue dos heróis gregos de antanho corre nas minhas veias.

— Está na hora de te juntares a eles, então — anunciou Ramírez semicerrando os olhos.

— Vem... se te atreves — convidou o outro, arrogantemente.

Ramírez não se mostrou rogado, respondendo ao repto do seu oponente com um altabaixo explosivo, que Algol nem tentou aparar, preferindo esquivar-se com rapidez e elegância sobrenaturais. Em resposta, desencadeou um intenso contra-ataque, castigando Ramírez com uma saraivada de impetuosos golpes que, a custo, *La Reyna* ia bloqueando.

Algol, mais baixo e menos entroncado que Ramírez, mexia-se com maior rapidez, numa sucessão de movimentos e golpes fluidos, praticando um estilo de luta bem diferente, mais vistosa. Ramírez, por sua vez, elegia um estilo mais sóbrio e ponderado, executando menos movimentos, porém, mais certos e poderosos. A técnica dos dois guerreiros era verdadeiramente sublime. Mas tal como uma balança, que a

espaçados momentos pudesse parecer equilibrada, um dos lados ia pendendo com maior peso sobre o outro.

As espadas gémeas de Algol lambiam a lâmina de *La Reyna*, sedentas de sangue. Fustigavam-no com uma tempestade contínua de golpes, ora altos e transversais, ora baixos e circulares, duplos ou sequenciados. Ramírez simplesmente não conseguia passar à ofensiva, ocupado que estava em suste-
r a vaga ininterrupta de investidas. Os pés de Algol bailavam estonteantemente, cruzando-se, avançando e recuando, numa sincronia perfeita com o resto do seu corpo, fundindo-se com as virtuosas espadas, que dançavam harmoniosamente como línguas vermelhas de fogo, reluzindo acobreadas à bruxuleante luz das tochas.

Começando a sentir-se subjugado pelo seu talentoso adversário, Ramírez tentou sonegar a frustração crescente que teimava em toldar-lhe o discernimento e a calma necessária para contender com semelhante oponente. Arriscou então disputar o controlo do combate, queimando sangue para acelerar novamente o seu corpo, tentando impor-se sobre Algol. *La Reyna* brilhou por um instante, antes de se tornar num borrão fosco, acometendo o seu inimigo com vertiginosas e brutais pancadas. Ramírez sentiu a velocidade do outro Zelus aumentar em resposta, impedindo-o de ganhar vantagem. No entanto, ambas as espadas de Algol eram agora necessárias para bloquear os estrondosos golpes de Ramírez, pelo que o Justicar pressionou, e o seu oponente foi obrigado a recuar alguns passos, mantendo, todavia, um confiante e provocador sorriso na face rude.

Retrocedendo até uma das muitas vigas que sustinham o tecto do amplo armazém, Algol vacilou por um momento, retirando os olhos de Ramírez, ao sentir as costas embaterem no grosso barrote de madeira. Ramírez não desperdiçou a oportunidade, trazendo *La Reyna* num potente golpe lateral direito, pronto a segar o perigoso rival pela cintura, contra a viga. Apanhado desprevenido, Algol apenas teve tempo de rodar para a sua direita, encostado ao pilar, escudando-se assim do estrondoso golpe de Ramírez, que embateu na viga com a força de um aríete. O barrote, tal como a tocha nele suspensa, quebrou-se com o retumbante impacto, expelindo lascas, poeira, e fagulhas em todas as direcções. Algol, sofrendo ainda o choque do brutal embate, foi projectado desamparadamente, caindo e rebolando pelo chão, antes que os grossos toros da viga lhe caíssem em cima. Centelhas ardentes encheram o ar,

○ PACTO

O interior do jazigo era composto por pedra fria e angular, e desprovido de qualquer adorno ou ícone religioso. O espaço da entrada era estreito, o suficiente para uma só pessoa passar, e a parede do fundo terminava abruptamente num átrio que se expandia para ambos os lados, e no qual jazia atravessado um simples túmulo, igualmente talhado em pedra. A passagem secreta, atrás do túmulo, não foi difícil de encontrar. Antes pelo contrário, tinha sido deixada intencionalmente aberta por Algol, para que os seus perseguidores o seguissem. Uma abertura no chão, onde faltavam duas grandes lajes, revelava uma comprida escadaria, que descia três ou quatro varas de altura até um patamar iluminado, lá em baixo. *Vou meter-me na boca do lobo...* constatou Ramírez, olhando para trás antes de descer, na esperança de ver De la Peña chegar. O mais sensato seria aguardar pelo seu companheiro, mas o seu orgulho incitava-o a encurralar o Zelus Algol e medir novamente forças com ele.

Ramírez desceu a escadaria, atento a qualquer ruído ou indício de emboscada. As escadas terminavam num patamar igualmente estreito, que se prolongava por um corredor de tecto baixo, iluminado por ocasionais tochas nas paredes. Avançando a passo decidido, com a ponta de *La Reyna* erguida, qual lança dissuasora, Ramírez atravessou o corredor, desembocando, por fim, numa alta e funda sala. Uma singela carpete vermelha corria o chão até aos degraus elevados, no fim da sala. No topo dos degraus alteava-se um trono, onde se sentava uma nobre

e distinta figura. Duas imensas cortinas vermelhas ocultavam os lados da sala, como se indicassem que o caminho a seguir era em frente. Quatro candelabros de cobre de muitos braços situavam-se nos cantos da sala, iluminando-a com a luz de uma infinidade de velas. Ramírez estacou à entrada. A figura altiva no trono fitava-o, de queixo apoiado no punho, como se o aguardasse havia já algum tempo.

— Bem-vindo — recebeu o indivíduo, levantando-se e convidando Ramírez a avançar com um gesto cortês. A sua voz era aprazível, tal como o seu aspecto. Envergava roupas luxuriantes e um frisado cabelo escuro que lhe tocava ao de leve nas ombreiras de pele de gamo. — Presumo que sejas o enviado de Génova. Eu sou Tomaso, Príncipe de Savona. Apresenta-te!

— Luiz de Alonso Ramírez, do clã Zelus. Justicar do Príncipe Andrew, senhor do domínio de Génova — apresentou-se Ramírez, erguendo na mão esquerda o pequeno sinete de metal que Andrew lhe entregara. *La Reyna* permanecia desembainhada, na sua mão direita.

— Ah! Andrew, Andrew... — fungou Tomaso, com desprezo.

— Sigo o trilho de um criminoso procurado em Génova — interrompeu Ramírez, desconfiando da atitude hospitaleira do Príncipe.

— Acaso referes-te ao meu bom Algol? — inquiriu Tomaso, revelando falsa surpresa, ao levar a mão à boca entreaberta.

Algol saiu de trás da cortina nas costas do trono, colocando-se ao lado do seu Príncipe. Ramírez empunhou alto *La Reyna*, dirigindo-a ameaçadoramente a ambos.

— Que brincadeira é esta? Sou um Justicar e representante oficial do Conselho de Génova — exasperou-se Ramírez, esperando que o título lhe conferisse alguma espécie de imunidade.

— Creio que farias bem em baixar a tua arma, Zelus — referiu calmamente Tomaso, num irritante tom meloso. — Que ousadia a do Andrew, não achas!? Subitamente julga-se senhor de uma cidade como Génova, e atreve-se a estender as suas patas sujas para cima do meu domínio. Sempre teve a mania das grandezas, o bastardo iludido. Mas já contava com essa tão maravilhosa e prevista característica, senão de que outra forma terias vindo até cá? — sorriu maliciosamente Tomaso.

Não que Ramírez estimasse Andrew, mas prestara-lhe um juramento e o seu código de honra instigava-o a servi-lo com

zelo e lealdade. O Justicar erguia-se em desafio, temerariamente de peito aberto perante o Príncipe de Savona. Algol sorria arrogantemente, de braços cruzados sobre o peito desnudo, pouco atrás de Tomaso. As espadas gêmeas pendiam da sua cintura, ansiosas por se digladiarem novamente com *La Reyna*. O olhar dos dois Zelus cruzou-se por um instante, coruscando em sequiosa ansiedade.

— Isto tresanda a conspiração e a intrigas insidiosas — acusou Ramírez, apontando a lâmina ao Príncipe. — E não ficarei de braços cruzados perante semelhante ofensa ao meu Príncipe. Albergais um criminoso, acusado de assassinar um humano no porto de Génova. Entregai-o para que lhe seja feita justiça! Senão, eu mesmo o arrancarei das vossas ga...

— Silêncio, insolente! — ordenou Tomaso, agora visivelmente alterado, prendendo o olhar de Ramírez no seu.

Ramírez calou-se no mesmo instante, não por sua própria vontade, mas porque uma outra, exterior a si e completamente avassaladora, a tal o compeliu. Queria resistir, responder, lutar contra aquela vontade opressora, mas era como uma imensa grillheta que lhe restringia o livre-arbítrio.

— Larga a espada! — soou a sua voz autoritária, e *La Reyna* caiu com estrondo no chão, assim que os dedos involuntários de Ramírez se abriram contra a sua vontade. — Pensas que chegas aqui e, por envergares uma mera quinquilharia desse remeloso, ousas afrontar a minha autoridade? NO MEU TERRITÓRIO?

Tomaso gritava agora, com um assomo colérico no rosto magro e angular. Claramente o nome de Andrew tinha o condão de o agastar, e Ramírez começava a suspeitar que a razão de ter sido atraído ali se devia ao seu novo Príncipe Tenebrae.

— Não existem vampiros dignos desse nome em toda a maldita cidade de Génova? — questionou Tomaso, retoricamente, descendo alguns degraus para ficar em frente a Ramírez. — Ninguém com túbaros para contestar a tomada de posse desse verme desprezível?

Ramírez semicerrou os olhos, e parecia querer levantar uma mão quando o olhar de Tomaso incidiu opressivamente no seu, com um peso esmagador.

— Fica quieto, lacaio do remeloso! — mandou Tomaso, e o corpo de Ramírez tornou-se rígido e alheio à sua vontade. — Gostaria de saber como conseguiu ele obter favor de tantos para assentar o traseiro nojento no trono. Com que autoridade assumiu ele o manto de Príncipe? Eu também fui aprendiz do

Kardhan, em tempos... Tenho tanto direito a reivindicar o trono de Génova como ele! Mais até! E agora que venho a descobrir que o grande Kardhan deixou o lugar vago, esse empecilho volta a usurpar-me o posto que o destino me reservou. Mas não mais. Não se sentará muito tempo no trono, prometo! E é aqui que tu entras no plano, meu obstinado Zelus de pêlo na venta.

Algol assomou-se de Tomaso, sussurrando algo ao ouvido do seu Príncipe, olhando depois ambos para Ramírez, que se mantinha imóvel, preso à vontade férrea de Tomaso.

— Com que então trouxeste companhia? — disse Tomaso, na sua melodiosa e irritante voz. — Onde está o outro? Responde!

— N... não te quero... dizer! — respondeu Ramírez, tentando contornar a ordem directa. Nos seus olhos ardia uma fúria intempestiva, sustida pela frustração do controlo externo que a vontade de Tomaso lhe impunha.

— Queres resistir-me, Zelus? Os teus músculos aqui não valem de nada. De que te serve a ponta afiada de uma espada nas mãos, quando, a uma simples ordem da minha voz, elas passam a cumprir a minha vontade? O verdadeiro poder está aqui! — confidenciou Tomaso, apontando com o dedo indicador a sua têmpora. — O Andrew sabe-lo bem, embora tenha optado por divagar no mundo das sombras. E vós, de espírito embrutecido e músculos rijos, sereis sempre sabujos aos pés das mentes superiores, como a minha — vangloriou-se Tomaso, obtendo um desagradado olhar de soslaio por parte de Algol.

— Desejais que vá procurar o outro lá fora, senhor? — prontificou-se Algol, baixando-se para apanhar *La Reyna*, que jazia no chão, aos pés de Ramírez.

— Sim, mas primeiro leva este aos calabouços — indicou Tomaso, voltando-se depois para Ramírez novamente, encostando-se nariz com nariz ao Zelus, sibilando. — Podia destruir-te tão facilmente, mas tenho outros planos para ti. Ou melhor, a minha nova aliada tem outros planos para ti. Bem como uns métodos mais... coercivos, para garantir a tua fidelidade e o teu máximo engenho nesta missão. Génova será minha, e tu vais entregar-ma de bandeja. Tal como a cabeça do remeloso. Agora sê um bom menino, segue o Algol até aos teus novos alojamentos e deixa que te aprisione. É uma ordem!

Ramírez não teve alternativa senão cumprir, pois embora esse não fosse o seu desejo, uma força de vontade superior à

sua impunha-se na sua mente, coagindo-o. Marisha havia-lhe falado acerca deste poder terrífico, que força a vontade de quem o utiliza sobre a mente da sua vítima. Apenas os vampiros de geração mais anciana conseguem dominar a mente dos seus inferiores, e não o contrário. Tomaso deveria ser bastante poderoso. *Vim mesmo meter-me na toca do lobo. Oxalá o De la Peña esteja em segurança...*

Ramírez fora encarcerado numa cela diminuta, algures debaixo do cemitério. Encontrava-se sentado num rude banco de pedra, que sobressaía da parede húmida. Os seus braços e pernas estavam acorrentados, não só pelos pulsos e tornozelos, mas com várias grilhetas de ferro reforçado, que se estendiam como adornos supliciantes pelos seus membros. Uma tocha suspensa na parede iluminava lugubrememente a cela, deixada acesa por Algol, adivinhando que em breve teria visitas. Talvez da aliada a quem Tomaso se havia referido. Ramírez arrastou o pé no chão, o qual estava coberto por restos de palha imunda, fazendo as correntes tilintar pesarosamente. Esquecido pelo tempo, bem como pelos captores, um esqueleto decrépito jazia numa posição fetal num recanto da cela. Restos de farrapos de roupa carcomida pelos anos cobriam parcialmente alguns dos ossos. Ramírez olhou o cadáver por momentos, notando, pelos longos cabelos lívidos e mortícios e pelos trapos remanescentes, que o corpo deveria ter pertencido em vida a uma mulher. Havia quanto tempo estava ali abandonada? Teria sido o maldito Príncipe a mandar prender a humana, para que sucumbisse, esquecida e negligenciada ao longo de dias e semanas a fio?

O efeito da voz de Tomaso em Ramírez dissipara-se a partir do momento em que a sua ordem fora cumprida. Ramírez não se sentia mais restringido pela vontade opressiva do Príncipe de Savona. A sua mente ardia agora em raiva mal contida, como lava incandescente pronta a entrar em erupção. A humilhação que sentira por estar à mercê de Tomaso, como um rafeiro subjugado ao mestre, clamava no seu interior, rugindo por vingança, aquecendo-lhe o já de si quente sangue Zelus. Já por algumas vezes tinha tentado quebrar as correntes, puxando-as com fortes sacões, que invariavelmente se haviam revelado infrutíferos. Agora, mais calmo, esperava o tempo passar até que viesse alguém à sua cela. Não esperou muito, contudo, pois em breve soou uma chave a torcer dentro da fechadura, e a porta rangeu pouco depois ao ser empurrada para dentro.

— Ora, ora... se não é o Zelus empecilho de novo — grasnou a áspera voz de Lamyá, ao entrar no calabouço, fazendo ondular o comprido e justo vestido escuro quando encarou Ramírez. Os seus lábios negros destacavam-se na magra face alabastrina, emoldurada pela cortina de cabelos pretos. — Parabéns pela promoção a Justicar. Já me contaram as novidades.

— Tu aqui!? — admirou-se Ramírez. — És tu quem está por detrás disto tudo?

— Disto tudo o quê? Eu sou apenas uma insignificante pessoa num mundo tão grande... — disse na sua voz rouca, adoptando um tom fatigado.

— Frustrámos os teus planos em Génova, e agora queres atacar a cidade pelo exterior com o teu novo amigo de Savona!

— Oh, criança ignorante. Que pensas saber tu dos meus planos? — perguntou Lamyá, baixando ligeiramente a cabeça, de mãos atrás das costas, para ficar cara a cara com Ramírez.

O Zelus retribuiu o escrutínio frio da Sepulcralis, permanecendo sentado no banco de pedra rude.

— Sei que és uma adoradora do Chifrudo, uma meretriz do inferno, invocadora de demónios e mestre dos mortos. Não há muito que saber — fungou Ramírez, com desprezo.

— Ui, tantos elogios — agradeceu Lamyá, com um falso sorriso afectado. — Até podes estar correcto quanto aos meios que emprego, mas estás irrevogavelmente errado em relação à finalidade dos meus propósitos. E enganado, também, se pensas sequer que esses rótulos me definem.

— Que queres tu, afinal?

— Apenas o que toda a gente quer... Ser feliz e... completa! — Lamyá descreveu um levíssimo sorriso no canto da sua boca fina de lábios negros.

Ramírez ergueu as sobrancelhas, incrédulo, rindo depois como se Lamyá estivesse a fazer pouco dele.

— E um pedaço de terra, nas traseiras de uma cabana, para cultivares hortaliças. E já agora um rebanho de catraios ranhosos e desdentados a brincar em roda da tua saia. Quem vai ser o pai babado? — Ramírez estacou boquiaberto num momento sarcástico, fingindo ter chegado a uma súbita conclusão. — Não me digas que é por isso que me atraíste aqui?...

— Não sejas idiota! — vociferou Lamyá, irritada. — Nota-se que o humor do Ludwig Schwarz se apeçou a ti.

Ramírez silenciou-se subitamente ao ouvir o antigo nome do seu amigo.

— Ouvi bem, acerca dos rumores que me chegaram aos ouvidos de que ele pereceu? — questionou Lamyá, dando alguns passos pela cela, parando junto da parede oposta para observar as labaredas na tocha. — Não o vi no final da batalha com os Inquisidores perto da velha torre.

— Ouviste bem — proferiu Ramírez, secamente.

— *Hum...* — soou indecifrável a voz rouca de Lamyá, de costas para Ramírez, relanceando-o por cima do ombro.

Passaram-se alguns instantes de silêncio, em que o fogo na tocha crepitou, antes de Lamyá se voltar, absorta em pensamentos.

— É pena — constatou a Sepulcralis, sem emoção. — Ser-me-iam úteis as suas habilidades. Ter-vos aos dois a trabalhar para mim tornaria tudo bem mais fácil e...

Lamyá foi interrompida pelo chiar da porta entreaberta da cela, ao ser empurrada para dentro. Algol entrou, transportando um corpo desnudo e inanimado às costas, depositando-o sem delicadeza no chão imundo da cela. Era De la Peña. Tinha um golpe feio no couro cabeludo, proveniente de uma forte pancada, do qual escorria sangue escuro pela face abaixo.

— Senhora Lamyá — anunciou-se outra presença, numa voz de forte sotaque de leste, à entrada da cela.

O Vrajitor Vladek entrou, envergando o seu longo e escuro manto púrpura, colocando-se ao lado de Algol.

— Encontrámos este a bisbilhotar lá fora — informou no seu acentuado sotaque. — O coveiro neutralizou-o. Não deve demorar muito a vir a si.

— Obrigado, Lorde Vladek. É este o companheiro que veio com o Justicar? — indagou Lamyá, dirigindo-se a Algol.

— Sim, senhora negra. É melhor agrilhoá-lo também, por cautela. Tem um poder estranho — advertiu o guerreiro das duas espadas. — Transforma-se num enorme monstro de pele acinzentada.

Ramírez semicerrou os olhos, praguejando interiormente por o maldito Zelus ter revelado esse facto.

— Oh...! A sério?! — replicou Lamyá, agradavelmente surpresa, enquanto Algol acorrentava De la Peña. — Conheci alguém com um poder exactamente assim.

Lamyá acercou-se do inconsciente De la Peña, que jazia com os pulsos e os tornozelos agrilhoados uns aos outros, de ventre e face colados no chão de palha suja. Colocando-lhe a biqueira do sapato negro por debaixo da cabeça, rodou-a até o rosto ficar perfeitamente visível.

— Quem diria? Que aspecto tão bondosamente encantador — troçou Lamyá, fitando Ramírez. — Com que então os rumores da morte de Ludwig Schwarz eram verdadeiros, não eram?

— O Ludwig Schwarz morreu. Esse aí é Javier De la Peña.

— Novo nome, nova identidade. Mas o servo continua o mesmo — constatou Lamyá, deixando a face de De la Peña tombar de novo. Estava visivelmente agradada com a chegada do Skulp'tor. — Agora podemos tratar de negócios.

— Não faremos qualquer trato contigo, maldita — reagiu Ramírez.

— Não sei porque dizes isso, se desconheces o que tenho para oferecer em troca. Além do mais, posso simplesmente obrigar-vos a fazer o juramento de sangue comigo. No entanto, tenho outro método de garantir a vossa fidelidade. Um que não expira nem perde o efeito com o passar do tempo.

Lamyá aproximou-se do corpo caído de De la Peña, ajoelhando-se e pegando-lhe na mão esquerda. De seguida tateou-a com a ponta dos seus dedos de unhas negras, como se a admirasse, tocando-lhe suavemente na palma. Depois virou-a, percorrendo as costas da mão de De la Peña com a unha do seu indicador. Entretanto, voltou-se para Algol dizendo:

— Traz-me a espada do Justicar e roupas decentes para este. Não os quero a regressar a Génova com ar de maltrapilhos.

— Senhora... — aquiesceu Algol, saindo prontamente e deixando Lamyá e Vladek com Ramírez e De la Peña na cela.

Lamyá voltou a sua atenção novamente para as costas da mão de De la Peña, cuja pele perfurou com a ponta aguçada da unha do seu indicador. Como se a unha fosse uma pena, a Sepulcralis desenhava finas linhas negras na pele do Skulp'tor. A unha parecia estar imbuída de uma tinta ominosa, que deixava sulcos pretos gravados, como uma tatuagem. Assim que a Sepulcralis terminou o ritual, surgiu, nas costas da mão esquerda de De la Peña, um aprimorado símbolo rúnico, de vincadas linhas e traços complexos.

— Que raio lhe fizeste tu? — insurgiu-se Ramírez, algo receoso da magia negra de Lamyá.

— Pus-lhe a minha marca, tal como vou fazer a ti. Lorde Vladek, se não se importa.

O Vrajitor aproximou-se de Ramírez, que tentou retrair-se, fazendo chocalhar as correntes presas aos seus braços e pernas. O rosto de maxilares proeminentes de Lorde Vladek sorriu, quando este ergueu uma mão na direcção das correntes que seguravam o braço esquerdo do Zelus.

— *Rego Chemya* — proferiu o Vrajitor as palavras arcanas, que rapidamente surtiram o seu misterioso efeito nos elos das correntes de ferro.

O estado sólido do ferro transmutou-se incompreensivelmente para uma mistela aquosa. Todos os elos e grilhões se dissolveram numa camada cinzenta opaca que cobriu a totalidade do braço de Ramírez, pendendo dos elos sólidos ainda presos à parede. Com uma torção dos dedos do Vrajitor, a camada líquida solidificou-se instantaneamente, tornando-se numa dura crosta metálica, imobilizando o braço de Ramírez. Este olhava abismado para o incrível poder do ancião Vrajitor.

— Ah, o trabalho de um verdadeiro alquimista — reconheceu Lamy, acercando-se do braço esticado e imóvel de Ramírez.

A Sepulcralis cingiu-lhe firmemente o pulso esquerdo com os dedos magros, começando a espetar-lhe a unha do indicador na pele das costas da mão esquerda. Ramírez tentava esquivar-se, abrindo e fechando os dedos da mão, e puxando com força pelas correntes presas ao braço direito.

— Fica quieto, ou será pior para ti — ameaçou Lamy, aguilhoando-o dolorosamente por algumas vezes, até o Zelus cessar de se debater.

Quando terminou, Ramírez apresentava exactamente a mesma marca, nas costas da mão esquerda, que Lamy entalhara na pele de De la Peña. Satisfeita com o seu trabalho, Lamy recuou alguns passos para junto de Lorde Vladek.

— Que bruxaria é esta? — quis Ramírez saber, torcendo a custo a mão para conseguir vislumbrar o símbolo.

— É apenas uma medida de segurança, caso penses em quebrar a tua fidelidade. Aconselho-te a não revelares nada acerca de mim ou do que se passou aqui a ninguém, por palavras faladas ou escritas. Aconselho-te a não me traíres, ou sequer pensares em fugir. Aconselho-te a cumprir à risca o que vos vou pedir para fazer. Se fizeres tal como estou a aconselhar, essa marca não passará de um simples adorno na vossa mão. Caso contrário... — Lamy fez sinal a Lorde Vladek, indicando-lhe um pequeno rato que espreitava encolhido sob um tufo de palha, no canto da cela.

— *Rego Motus* — soou a voz do Vrajitor, controlando com a mente o movimento do corpo do diminuto roedor.

O rato guinchou em pânico, assim que sentiu as patas deixarem o solo e levitarem pelo ar. A um gesto da mão do

Vrajitor, o rato foi deslocado na sua direcção, pairando a espernear em terror, diante de Lamya. A Sepulcralis ergueu o seu dedo indicador, cravando a unha negra no dorso do animal. Por momentos, rasurou-lhe o pêlo, deixando-o nele gravado uma cópia do símbolo rúnico, que havia entalhado na pele de Ramírez e De la Peña.

— Se quebrarem a minha confiança, a vossa marca alertar-me-á, e estejam onde estiverem...

Lamya deixou a ameaça suspensa por um instante, antes de formar uma garra com os dedos magros e retorcidos, o que provocou um efeito imediato no corpo do rato. Este contorceu-se subitamente, esbugalhando os olhos, como se acometido de uma dor atroz. Pequenos fiapos de fumo negro começaram a sair dos orifícios do pequeno animal, chiando tenuemente, como se as entranhas do bicho se tivessem ateadado em chamas. O pêlo encarquilhou-se e a carne começou a adquirir uma tonalidade negra, sendo vorazmente cauterizada por labaredas invisíveis. Um ténue odor a enxofre preencheu a cela, e o rato esperneou uma última vez, antes do seu corpo se amarfanhar, seco e podre. Lorde Vladek cessou o fluxo de magia, e o rato caiu imediatamente no solo, completamente negro e carbonizado.

Ramírez manteve-se em silêncio, enquanto fitava o espectáculo macabro. Lorde Vladek sorria maldosamente junto de Lamya, que observava, atenta, a reacção do Zelus.

— Que queres que façamos para entregar o Conselho de Génova nas mãos do teu novo Príncipe? — perguntou Ramírez, fingindo resignação perante o aterrador poder de Lamya.

Ramírez esperava ficar a conhecer toda a conspiração da Sepulcralis com o Tenebrae Tomaso, para depois gizar um plano com De la Peña e escaparem da nefasta influência de Lamya. Mas primeiro tinham de sair dali.

— O que eu quero que façam pelo Tomaso?! — sorriu Lamya, ironicamente. Depois relanceou a porta da cela desconfiadamente, segredando ao Vrajitor. — Lorde Vladek, certifique-se, por favor, de que ninguém me perturba enquanto converso com o nosso novo agente. Deixe-me a sacola, se não se importa.

O Vrajitor anuiu com uma vénia cortês, passando a Lamya a sacola que tinha a tiracolo, antes de sair e encostar a porta da cela, ficando de guarda no exterior.

— Não quero que façam nada pelo Tomaso — explicou Lamya simplesmente. — Ele quer assumir o trono de Génova e destronar o vosso actual Príncipe, o Tenebrae Andrew,

devido a rancores e invejas do passado. Isso é lá com ele, mas se lhe quiserem dar o que pretende, não me oponho. Os meus objectivos em Génova nunca foram os de ascensão ao poder.

— Que fazias lá com um culto infernalista, então? Coleccionar almas para os teus demónios? Foi por isso que te aliaste ao Gandolfini? — Ramírez tentou puxar pela Sepulcralis. Com sorte ela saberia onde este se encontrava. Talvez Gandolfini estivesse ainda em conluio com os planos dela, alheio ao facto de que Lamya havia tencionado matá-lo durante um dos rituais satânicos do culto.

— O Gandolfini providenciava-me meios para tentar encontrar algo precioso que procuro — revelou Lamya — tal como faço agora com o Tomaso. Pobre do Lunae! Ou fugiu, ou deve ter ardido quando os Inquisidores atacaram.

Então não sabes que o maldito se escapou para o mosteiro, e ainda está vivo algures por aí... constatou Ramírez, decidindo que não iria desvendar esse facto à Sepulcralis.

— E esperas que eu e o De la Peña consigamos encontrar seja o que for que andas à procura, quando o Gandolfini e uma hoste de Infernalistas e vassallos de sangue não conseguiram.

— Não exactamente. O Gandolfini não estava por dentro dos meus planos pessoais. Era demasiado instável, e, como tal, eu corria um grande risco ao pô-lo a par dos meus desígnios. Ele fornecia ao culto incontáveis seguidores, o que apaziguava o mestre, o demónio líder do culto, e ao mesmo tempo permitia-me agir mais livremente. Eu limitava-me a recolher as informações que podia dos vassallos de sangue que enviávamos para a rua, interrogando-os sem levantar suspeitas.

— E agora contas usar o Tomaso, quando se sentar no trono, para que possas vasculhar Génova à vontade.

— Se ele se senta no trono ou não, para mim é-me indiferente. Se quiserem passar-lhe informações sobre os vampiros de Génova, é convosco, já te disse. Uso o Tomaso pelo refúgio e pelos recursos que me garante neste momento, tais como o acesso a um guerreiro tão hábil como o Algol.

— Mas para que quer ele mais informações além das que constam do livro dos Vrajitor que nos roubaste? — questionou Ramírez. — Estão lá todos os detalhes sobre todos os vampiros do domínio.

— Simplesmente porque não lhe revelei a existência deste valioso tomo — confessou Lamya, introduzindo a mão na sacola a tiracolo e retirando de lá o pesado livro. — Tão valioso, que nele descobri a pista para a minha tão ansiada busca.

— Mas que raio procuras tu?

— Diz-me, Zelus Ramírez — sussurrou Lamyá, aproximando o seu rosto do de Ramírez. — O que há para ti de mais precioso neste mundo? Diz-me qual é o teu mais secreto e ardente desejo!

Lamyá tocou ao de leve no rosto de Ramírez, passando-lhe o polegar pela face e pela ponta do bigode, enquanto lhe soprava tenuemente por entre os lábios negros. O sopro negro da Sepulcralis invadiu as narinas do Zelus e cobriu-lhe os olhos, como uma suave brisa inebriante, que lhe toldou a mente e lhe embotou os sentidos.

Ramírez sentiu o aroma dos campos trigueiros elevando-se na aragem matinal que varria a seara, fazendo-a ondular como um mar dourado. O Sol primaveril raiava glorioso no céu, projectando uma imensa luz que o encandeava. Ramírez estava sentado na sela do seu cavalo, afagando-lhe a crina. Protegendo os olhos com a mão em forma de aba, Ramírez contemplava toda a extensão das suas terras, que se prolongavam pela imensa planície até se perderem de vista, em outeiros e cabeços longínquos.

— Desejas voltar a casa. Sim, e que mais? — enfeitiçou-o a voz sibilante de Lamyá, soando distante, como num sonho, aos ouvidos de Ramírez.

Olhando para trás, Ramírez vislumbrava a forma altaneira da sua torre, erguendo-se do topo da colina, próxima do planalto de Alarcos. Desceu do cavalo, passou-lhe a mão pela garupa, e puxou-o algumas passadas pelas rédeas, calcando flores e torrões secos debaixo dos pés. Toda a paisagem era sublime, de uma magnificência idílica, e o coração de Ramírez rejubilou de prazer. Onde estaria Miriam? Havia combinado encontrar-se com ela exactamente ali, naquele local, quando a manhã fosse a meio. O seu peito exultava de ansiedade. Não tardaria e teria a sua amada nos seus braços, perdendo-se nos seus beijos e no seu cândido olhar.

— Ah... Uma mulher — sorriu Lamyá, agradada com a descoberta. Depois pressionou a mente de Ramírez com a sua rouca e hipnotizante voz. — Onde está ela agora? Mostra-me!

O mundo tremeu em violentas convulsões, e a planície, a seara, o Sol e brisa, todos se misturaram num fragor tempestuoso, que rodopiou em torvelinho em redor de Ramírez, como se este estivesse parado no olho de um temível furacão. As imagens e as cores dissiparam-se, misturando-se numa tumultuosa

ventania de negrura e desespero. O solo por baixo dos pés de Ramírez desfez-se, quebrando-se em mil pedaços, revelando um abismo fundo e escuro, através do qual ele caía desamparadamente. Um ponto branco distinguia-se na profundidade tenebrosa, mesmo no fim do abismo, do qual Ramírez se aproximava rápida e mortalmente. Quando estava prestes a despenhar-se, o ímpeto foi sustido por uma força invisível, e Ramírez ficou a pairar sobre o que ele antes vira como sendo o ponto branco no fundo. A silhueta do corpo quebrado de Miriam jazia como uma ilha nívea, envolta na mortalha do vestido branco de noivado, rodeada pelo mar rubro que era a dolorosa poça sanguinolenta à sua volta. Ramírez gritou desesperadamente de dor, como se revivesse o agonizante momento.

— Está... morta! — deliciou-se Lamya, passando a língua pelos frios e negros lábios. — Oh, lamento muito. Pobre Ramírez, que carregas tão pesado fardo.

Lamya estava encantada com a fraqueza encontrada no Zelus. Era mesmo o que lhe convinha para o ter completamente nas suas mãos. Olhando para o esqueleto enroscado no canto da cela, Lamya teve uma ideia brilhante. Passou novamente o polegar pela face de Ramírez, e sussurrou-lhe uma palavra terna para o aquietar. Os seus olhos estavam cobertos por uma fina névoa branca, que lhe ocultava a íris, como um manto leitoso. Libertando-o da dolorosa recordação, a Sepulcralis deixou o Zelus num límbico estado de oblévio catatónico, enquanto se aproximava e ajoelhava junto do cadáver da mulher. Abriu uma pequena bolsa que trazia presa ao cinto e retirou uma flor negra, ressequida e preservada, que colocou sobre a caixa torácica do esqueleto.

— *Melantha* — proferiu baixinho, de olhos fechados.

No mesmo instante, os ossos animaram-se, ganhando vida súbita. Uma tonalidade arroxeadada cobriu o cadáver, como uma luz fantasmagórica possuindo as ossadas. Um brilho fugaz refulgiu nas órbitas vazias da caveira descarnada, e a pilha de ossos soergueu-se, fitando Ramírez e caminhando tropeçadamente, atraída pelo Zelus. Não era a vontade da Sepulcralis que animava o esqueleto. Uma entidade desconhecida ocupava o espaço vazio entre os ossos e farrapos de roupa. Um ser consciente, provido de vontade própria. Lamya sorriu, soprando na direcção de Ramírez, e descreveu um largo gesto com a mão, afastando a névoa do olhar do Zelus. Este arregalou os olhos subitamente, fitando, especado e boquiaberto, a aproximação trôpega do cadáver que se arrastava pelo chão da cela.

Miriam corria para si. Corria de braços abertos e sorriso nos lábios, pura e jovial como a conhecia. Os caracóis da cor do Sol, leves e perfumados, pendiam como cachos de mimosas, coroando o anjo sem asas que deslizava pelos campos floridos na sua direcção. Os olhos de Miriam brilharam quando lançou os braços em torno do pescoço de Ramírez, e o beijou apaixonadamente. Os seus lábios encontraram-se numa explosão de saudade, e Ramírez abandonou-se no aperto sentido dos braços da sua amada.

Lamya sorriu ante o espectáculo grotesco que era ver o Zelus beijar sofregamente os maxilares decrepitos e bolorentos do cadáver.

— É este o teu desejo mais íntimo? — perguntou a rouca e distante voz de Lamya, enquanto tocava com a ponta do dedo no ombro do cadáver, fazendo-o afastar-se lentamente de Ramírez.

— Miriam... — chamou Ramírez, tristemente, vendo-a afastar-se de si, dando vagarosos, mas inexoráveis passos à retaguarda. Os seus dedos ainda se tocavam, na ponta dos braços esticados, tentando apegar-se àquele último momento de união.

— Quere-la de volta? — ciciou a voz de Lamya, em profana tentação.

— SIM!... — arquejou Ramírez em sofrimento, como se uma bola de dor se tivesse formado na sua garganta. Esticava os dedos futilmente na direcção da imagem da sua amada, que se perdia já ao longe, distante demais para a poder alcançar.

Lamya sorriu vitoriosamente, deixando o cadáver regressar ao canto recesso da cela, e aninhar-se novamente na sua anterior posição fetal. O rosto de Ramírez era o espelho da mágoa e da tristeza, de olhos postos num horizonte longínquo que só ele vislumbrava. A luminosidade arroxeadada abandonou finalmente os ossos do cadáver, dissipando-se como uma energia volúvel pelo ar. Lamya recolheu a flor negra do peito do esqueleto, guardando-a de novo na pequena bolsa. De seguida aproximou-se de Ramírez, tocando-lhe com a ponta do dedo esguio na testa, despertando-o do estupor onírico, ao qual o submetera.

— Consigo trazê-la de volta para ti...

Ramírez titubeou algumas palavras desconexas, tentando fazer sentido de onde estava, com quem estava, e o que acabara de acontecer.

SUBLEVAÇÃO

— Já reparaste bem naquela urna? — mencionou Loki, mudando de assunto, e apontando na direcção da cómoda de nogueira.

Estavam ambos no luxuoso salão da mansão de Maria, a Venusi que os dois Lunae haviam assassinado e cuja identidade Loki havia assumido. A cómoda a que Loki se referia estava encostada a uma parede tapada por uma enorme e magnífica tapeçaria. A tapeçaria cobria a parede completamente, retratando uma paradisíaca paisagem de um oásis no deserto. No topo da cómoda, sobre um luxuoso tecido bordado, e entre dois sumptuosos castiçais de ouro, assentava uma estranha urna de cerâmica, antiga e de fabrico rude. Intrincados símbolos rúnicos preenchiam-na, gravados a vermelho-escuro num padrão místico.

— O que é... que tem? — indagou Mukade, pouco impressionado. — É feia...

— Não, burro! — exasperou-se Loki. — Não “vejas” só com os olhos. Vê a aura em torno da vasilha. Há ali qualquer coisa, não notas? Deve ser um artefacto antigo com qualquer tipo de magia.

Mukade forçou a visão e os contornos da urna vacilaram por um instante, tornando-se ligeiramente indistintos, enquanto uma aura negra, de tonalidade violeta, se expandia além dos limites da vasilha de cerâmica. Já por muitas vezes tinha reparado na urna, nunca lhe prestando especial atenção. Agora,

porém, a energia mística contida no objecto atraiu-o, inexplicavelmente. Como se vislumbrasse a urna pela primeira vez, observando-a verdadeiramente, os olhos de Mukade arregalaram-se, a sua boca abriu-se de espanto, e os dedos da mão agitaram-se num incontrolável impulso de cobiça. Que segredos ocultaria? De onde viera e a quem pertencera? A sua mente dispersou-se por momentos, sondando avidamente todos os detalhes da misteriosa urna, que durante semanas sempre lhe passara despercebida.

— Ei! Acorda, idiota! — vozeou Loki, chamando, já pela terceira vez, a atenção de Mukade, que olhava embasbacado, havia largos instantes, para a urna sobre a cómoda de noqueira.

Mukade despertou do estado de estupor, olhando confuso para Loki.

— *Hum...*? Que foi?

— Estava a dizer que nos devíamos livrar daquilo — respondeu Loki. — Sabe-se lá onde é que a cabra Venusi a arranjou.

— Ah... sim... sim — titubeou Mukade, mal ouvindo o que Loki dissera, relanceando ainda a urna pelo canto do olho.

— Mas voltando ao assunto do Gandolfini — lembrou Loki. — Acho sinceramente que nos devíamos concentrar em procurá-lo nas ruas. Junto da populaça. Ele sempre teve um fraquinho pelos desafortunados e oprimidos. Se há esperança de lhe apanharmos o rasto, será aí que o vamos encontrar.

— Pois... Falas em nós, mas... é só de conversa, porque já... sei que vai é sobrar para... “mim”. O trabalho sujo e... difícil é sempre... meu.

— Não sejas injusto, vá. De qualquer forma, ambos sabemos que de nós os dois, eu é que sou o cérebro! — disse Loki, com um sorriso descarado.

— O grande cérebro deveria... era estar preocupado em... manter a aparência da cabra Venusi, para não... ser apanhado desprevenido, como... quase ia sendo há bocado — ripostou Mukade, melindrado, indicando com um nuto de cabeça o corpo sem vida do homem espojado no chão da sala.

O corpo jazia exangue, hirto, pele lívida e expressão aterrorizada na face boquiaberta, espelhando o seu último instante de vida. O homem era um mensageiro que chegara trazendo notícias urgentes por parte das guildas, alertando Maria dos distúrbios causados pelos trabalhadores portuários. Ao que parecia, instalara-se um clima de tensão crescente entre

os homens, e tumultos haviam eclodido nos últimos dias, originando zaragatas e escaramuças. Estivadores recusavam-se a trabalhar, chegando mesmo a fazer frente aos capatazes em pequenos focos de revolta. O porto estava um caos, com mercadorias paradas e mercadores em pânico, ao ponto de arrancar os próprios cabelos. As guildas haviam enviado o mensageiro a Maria, para reportar a situação e aguardar as medidas drásticas que a Venusi certamente iria tomar.

O homem chegara afogado, falando com tom de urgência, e surpreendera Loki e Mukade ao entrar de rompante no salão. Loki mudara a sua aparência instantaneamente, de costas para o intruso. O mensageiro estacara com olhar confuso, julgando ver a silhueta traseira de um homem magro de fato de cores garridas e barrete colorido na cabeça. No entanto, assim que este se virara para encarar o mensageiro, surgira a silhueta da bela e sedutora senhora de luzidios cabelos negros. O mensageiro piscara os olhos e abanara a cabeça, julgando que a sua mente lhe havia pregado uma partida. De seguida, avançara pelo salão, relatando em catadupa todos os incidentes que lhe tinham mandado reportar, enquanto esbracejava erraticamente. O semblante de Maria mostrara-se carregado, e Loki olhara, através do mesmo, com irritação, para o homem tagarela que lhe enchia os ouvidos de assuntos que para si não tinham qualquer interesse. Um movimento súbito e um grito abafado depois, Loki estava lançado à garganta do mensageiro, deitando-o ao solo e drenando-lhe todo o sangue, até não restar mais que um cadáver seco e engelhado.

— Estou cansado de andar a fazer-me passar por esta inútil com mamas — arreliou-se Loki, desfazendo a aparência ilusória de Maria enquanto respondia a Mukade. — Só me trouxe problemas e negócios e chatices com que me preocupar, em vez de me servir com contactos e informações decentes para descobrir o bandalho do Gandolfini. Para mim, basta!

Loki chutou o corpo rígido que jazia no chão. A cabeça do cadáver balançou, de olhos revirados nas órbitas acinzentadas. Entretanto, Mukade aproveitou a distração do outro para, de novo, olhar cobiçosamente a urna sobre a cómoda de nogueira. Agora que pensava nisso, achava-a verdadeiramente bonita, mesmo com os seus traços rudimentares. Deu consigo a desejar possuí-la. Para quê? Não fazia ideia. Apenas anelava tê-la e guardá-la em qualquer local seguro para somente ele a poder olhar e desfrutar da sua aura... tão negra e violeta... tão bela... tão sedutoramente cativante.

— Hoje estás numa de me ignorar, é? — despertou-o novamente a voz de Loki.

— Hã... desculpa. Diz...

— Tenho pensado cá para comigo que talvez esteja na altura de abandonar esta máscara. Não consigo espremer mais utilidade desta cabra — irritou-se Loki, com visível frustração.

— Não! — alarmou-se Mukade, captando um vislumbre da urna pelo canto do olho. — Quero dizer... Podemos esperar mais... umas noites. Pode ser que apareça... um indício... ou assim. Deixa-me ir meter o nariz... numas tavernas. Talvez ouça algo de... interessante.

Loki pareceu ponderar por um instante, não suspeitando da estranha reacção de Mukade. Vagueou um pouco pelo salão, de mãos atrás das costas, retinindo tenuemente os guizos no barrete de jogral. Era uma visão um tanto ou quanto perturbadora: a imagem de um rosto sisudo e compenetradamente pensativo, no corpo de um bobo ridiculamente magro, cujos trajes eram uma mixórdia de tecidos retalhados de cores espampnantes. Com gorro e botas a condizer, e borlas e penduricalhos a tilintar nas pontas.

— Sim... — concordou Loki, com algum enfado, ao sentar-se no cadeirão acolchoado que pertencera a Maria. — Mas só mais algumas noites. Até à próxima Lua, daqui a uma semana. Se não descobrires nada de proveitoso, entretanto, pensamos noutra alternativa.

Mukade anuiu, virando-se e caminhando na direcção da porta de saída. Loki permaneceu sentado na poltrona, pensativamente. Quando Mukade pegou na maçaneta, prestes a rodá-la para sair do salão, pareceu hesitar por um instante.

— Hã... um último pormenor sem... importância — referiu Mukade, não sabendo exactamente como dizer o que pretendia.

— Sim, sim. Já sei! Eu mudo para a aparência da cabra Venusi.

— Claro... pois. É mais uma... coisa. Talvez seja boa ideia manter... tudo como está, entendes? A decoração, o mobiliário... e tudo mais. Não mandes... nada fora. Só para... ninguém desconfiar.

Mukade pareceu ainda titubear algumas palavras surdas. Subitamente ganhou consciência de que estaria já a falar demais, e antes que Loki o questionasse ou adivinhasse as

suas intenções, virou costas e saiu porta fora, deixando o outro completamente confuso perante a sua reacção.

Humph... O idiota deve andar aluado... só pode!

O beco estava escuro e silencioso. Perfeito para a reunião do grupo secreto liderado por Gandolfini. Cerca de uma vintena de homens formava um círculo apertado, ouvindo atenciosamente o plano do seu líder e mentor. As suas roupas eram escuras e tinham o rosto parcialmente tapado por faixas de tecido ou capuzes. Nas mãos empunhavam adagas, porretes e algumas ferramentas que pudessem servir de armas. Seria a sua primeira acção ofensiva, depois de semanas a planear e preparar, escondidos em adegas secretas. Os homens estavam nervosos, porém excitados. Nunca antes se haviam sentido tão vivos. Muitos dos seus amigos e conhecidos tinham já começado a causar tumultos nos portos, erguendo-se contra o opressor jugo dos capatazes. Agora seria a sua vez de agir. A vez do secreto grupo de elite da Nova Ordem. E, uma por uma, abater as inúmeras cabeças da gorda serpente aristocrata que os subjugava.

A voz sussurrada de Gandolfini interrompeu-se por um instante, ao soar de passos pesados na rua adjacente. Todos fizeram silêncio, agachando-se na escuridão, enquanto aguardavam, entreolhando-se. A patrulha nocturna da guarda genovense passou pela rua transversal, alheia à presença do grupo escondido no beco, a apenas alguns passos de distância. As patrulhas eram mais frequentes nesta zona da cidade. A zona rica, onde os mais abastados mercadores e nobres viviam nas suas casas e palacetes de dois ou três pisos. Os pesados passos metálicos perderam-se pouco depois, ao virar de uma esquina. Cães ladraram ao longe, na noite, e Gandolfini esperou ainda algum tempo para se certificar de que era seguro retomar os seus planos.

— Esta noite fazemos cair o primeiro golpe nos nossos carcereiros — afiançou Gandolfini de punho erguido, perscrutando o olhar dos seus homens. — Apenas o primeiro de muitos que irão quebrar as correntes opressoras que nos prendem. E não cessaremos até nos libertarmos... ou morreremos. Mas até lá, malharemos sem piedade os senhores que nos calcam e nos espezinham. Como tal, assim intitulei o

vosso grupo: “O Martelo”, como símbolo da força imparável do povo trabalhador, que se ergue heroicamente contra os vis abutres gordos.

Os homens enfunaram o peito orgulhosamente, pensando nas suas famílias. Crianças chorando magras e famintas, as dificuldades e o rigor do Inverno, a tristeza e o desespero, a doença, a morte, e sobretudo a cruel indiferença no rosto rosado e anafado dos senhores, que viviam à conta do seu suor, sangue e lágrimas.

— Alguém tem dúvidas? — questionou Gandolfini, em voz baixa. — Todos sabeis o que cada um tem a fazer?

Todas as cabeças acenaram afirmativamente, em crescente nervosismo.

— Então ide, poderoso Martelo! E trazei justiça a este mundo miserável.

Rápidos como sombras nocturnas, os homens dispersaram, deixando Gandolfini para trás e saindo do beco, para atravessarem a rua furtivamente. O seu alvo, do outro lado, era a luxuosa mansão do mercador Romairone, proprietário de quase todos os armazéns do porto de Génova. A casa de três andares era alta, ostentando pilares trabalhados com intrincados arabescos. A fachada no segundo piso era atravessada por um saliente varandim, que dava para a rua. Os homens posicionaram-se estrategicamente nas diversas entradas da mansão, rodeando-a, enquanto aguardavam o sinal combinado.

Gandolfini aproximou-se lentamente da esquina do beco, mantendo-se oculto nas sombras, enquanto observava atentamente o avanço do grupo. Olhou para os extremos opostos da rua, certificando-se de que estavam sozinhos. Em seguida, examinou as casas, passando rapidamente o olhar pelas portas e janelas. Todas cerradas. A rua estava calma e sossegada. Teriam de agir antes da passagem da próxima patrulha. Gandolfini retirou um trapo vermelho do bolso e colocou o braço para fora da esquina, erguendo-o à luz clara do luar. Sem perder tempo, rodou-o energicamente, dando o sinal aos seus homens para que iniciassem o assalto.

As portas foram subitamente arrombadas com estrondo, e os homens entraram com vingativos intentos assassinos. Gritos soaram do interior, despertando a casa num alvoroço caótico. Uma voz de mulher bradou algo em tom suplicante, antes de ser silenciada pelo som de uma pancada seca. Mais

gritos e lamentos fizeram-se ouvir, entre ruídos de objectos e madeira a partirem-se e portas a bater. Gandolfini sorria, observando com agrado.

Não tardou muito até que as portadas exteriores do quarto de Romairone, no segundo piso, se abrissem de par em par. O abastado mercador saiu, em camisa de dormir acetinada, recuando temerosamente para o varandim, em cujas grades de ferro embateu com a cintura, não tendo mais espaço para retroceder. Alguns dos membros d'O Martelo saíam do quarto, encurralando o mercador. Este engoliu em seco, enquanto olhava a rua lá em baixo, vacilando entre enfrentar a morte sob os golpes dos assaltantes, ou saltar e quebrar os ossos no solo pedregoso. Contudo, os homens d'O Martelo não lhe concederam muito tempo para hesitações e avançaram decididamente para o mercador. Romairone gritou, erguendo os braços para se proteger, quando os golpes furiosos dos homens de Gandolfini se abateram sobre ele. O seu corpo tombou, rodopiando ao ser lançado do varandim, e despenhou-se fatalmente no chão, para gáudio de Gandolfini. Os membros d'O Martelo fugiam rapidamente da mansão, separando-se e perdendo-se pelas ruas próximas, enquanto gritos de alarme acordavam a vizinhança. A sublevação dos oprimidos havia começado.

Gotejava abundantemente. O céu nocturno apresentava-se carregado sobre Génova, após um interregno de mais de um mês sem chover. Apesar de bem-vinda, pois de certa forma veio aplacar o frio cortante que se fazia sentir, a chuva foi rapidamente amaldiçoada pela população, cujas memórias do último período pluvial culminavam com a execução do culto infernalista, numa gigantesca pira na praça pública. Os cultistas haviam sido apontados como os causadores do estranho dilúvio, responsáveis por todo e qualquer infortúnio que afectara a cidade até ao dia da purga. "Coisas do Demo...", sussurravam os rumores entre a gente simples, que se benzia fervorosamente ao recordar esses dias. E agora que a chuva ameaçava voltar, todos temiam o retorno dos maus presságios e augúrios. Para além do mais, o clima de instabilidade que se vivia nos portos, com trabalhadores revoltosos e a violência a escalar, parecia alastrar-se a outros pontos da cidade, envolvendo outros

trabalhadores e ofícios menores, chegando já a obter seguidores junto dos agricultores e aldeões, nas quintas dos arredores da cidade. Génova estava em polvorosa.

Antonio caminhava distraidamente pelas ruas, refletindo sobre os muitos assuntos que lhe ocupavam os seus pensamentos. A perda da primazia sobre o Conselho em detrimento de Andrew. A mágoa de ver os seus protegidos e amigos afastarem-se de si, favorecendo o desprezível novo Príncipe. O mosteiro, e o quanto lhe custaria abandoná-lo, se de facto decidisse ir para Roma... Não que fosse um homem amargurado, mas o caminho do penitente, temente a Deus, era de sofrimento. Várias imagens lhe afluíam à mente, tais como o rosto de alguns dos seus frades. Estaria ele disposto a virar costas ao seu rebanho? Seria essa a vontade do Senhor, ou meramente uma atitude egoísta da sua parte? Toda a sua vida, bem como ao longo dos dois séculos subsequentes à sua transformação, tentara trilhar o caminho dos justos, imerso na Fé e na Compaixão. O amor pelo próximo ditava a sua senda. Todavia, a total abnegação dos seus interesses pessoais, em virtude de uma postura completamente altruísta perante o mundo, era algo, por vezes, difícil de atingir. E era nessas alturas que Antonio tinha a total consciência de quão imperfeitos eram os cristãos na sua capacidade de amar. O Evangelho ensinava-os a amarem-se uns aos outros, tal como Jesus os amou... mas a mesquinhice e o egoísmo das pessoas nunca deixariam que isso pudesse vir a acontecer.

O Egoísmo... ponderou Antonio. Cada um pensa somente na sua própria barriga... Gula, Avareza, Luxúria, Inveja, Preguiça e Soberba... Seis dos Sete Pecados Capitais são completamente centrados na consagração do Eu... e cada vez mais se revelam estes pecados, exultados em vez de contestados, nesta maldita sociedade de comerciantes e mercadores.

As reflexões fatalistas de Antonio foram subitamente perturbadas pelo som distante de tumultos. Aparentemente havia rebentado outro foco de confrontos, algures perto do porto. Antonio estacou alarmado, enquanto descia a Via Di Scurreria em direcção à Piazza San Lorenzo, onde se situava a catedral. Os sons ecoavam abafados pelo ar, provenientes da zona oeste. Embora ainda distante do local da escaramuça, Antonio sabia que a qualquer momento esta podia atear-se por outras zonas, como fogo em restolho seco, à medida que mais pessoas se juntassem aos confrontos. E não queria, de maneira nenhuma, ser apanhado no meio da refrega.

Antonio estugou o passo, tentando chegar o mais rápido possível à praça defronte da catedral San Lorenzo. A chuva intensificara-se, entretanto, pelo que Antonio puxou o capuz do seu hábito castanho para a frente, cobrindo a cabeça tonsurada da água que caía do carregado céu nocturno. Não demorou até o tecido ficar ensopado, pesando no corpo baixo e bojudo do abade, enquanto este descia a rua apressadamente.

Um vulto, mais adiante, pareceu ocultar-se furtivamente junto da soleira de uma portada. Antonio hesitou, afastando-se para o lado oposto da rua. A chuva começava agora a cair copiosamente. Depois de tentar vislumbrar o canto escuro, por entre as gotas de chuva que turvavam a visão, e não descortinando nada que o alertasse, o abade prosseguiu um pouco mais, cautelosamente, relanceando sempre, pelo canto do olho, a recôndita entrada da casa. Alguns passos mais à frente, sorriu ao repreender-se por se ter sobressaltado com o que julgava não ter passado do mero vulto de um gato pardo. Num sobressalto, Antonio foi detido por uma súbita silhueta que lhe saltou ao caminho, encostando-lhe a ponta da lâmina de uma adaga ao peito.

— Passe para cá a bolsa, senhor prior! — ameaçou a voz sarcástica do bandido. Era um homem corpulento, trajando roupas negras. Nos seus olhos reluzia um brilho perigoso.

Antonio ergueu os braços, como quem não fosse oferecer resistência.

— Tenha calma — referiu o abade, serenamente. — Se está com problemas, de bom grado o ajudarei. Não precisa de recorrer a estes métodos.

— Não te ponhas com falinhas mansas, ó padreco... — avisou o bandido, espetando um pouco da ponta da adaga em Antonio, furando o grosso hábito e chegando mesmo a picar a pele. — Varo-te aqui mesmo onde estás, que nem a um porco!

— Se é de dinheiro que precisa... — Antonio retirou, com um movimento lento, a bolsa suspensa do cordel à cintura e estendeu-a na direcção do bandido. — Espero que lhe mate a fome ou alivie a doença a si ou aos seus.

O bandido olhou desconfiadamente o abade por um momento, antes de lhe arrancar a bolsa da mão, sopesando-a, de seguida, com um esgar de desprezo. Um segundo bandido aproximava-se por trás, saindo do recanto da soleira da porta, agora que a emboscada havia surtido efeito.

— Julgas-te melhor que eu só porque usas esta farpela

cor de bosta, é? — o bandido insultou Antonio, repuxando-lhe rudemente o hábito. Sentia-se ofendido por o abade não lhe ter oferecido resistência, como se com essa atitude o fizesse sentir inferior. Como se necessitasse de piedade ou comiseração.

— Somos todos iguais aos olhos do Senhor, meu filho — replicou Antonio, tentando aplacar a ira do bandido.

A resposta do abade surtiu, contudo, o efeito absolutamente contrário no homem, que agarrou Antonio pelos colarinhos, abanando-o rudemente, cuspidno-lhe na cara enquanto gritava.

— Iguais?! Iguais, meu bandalho?! Aposto que esta bolsa cheia não passa de simples trocos para ti e para os da tua laia. O povo passa fome e mata-se a trabalhar. E tu que fazes? Comes e engordas que nem um báculo — invectivou o bandido, empurrando o abade e apontando-lhe um acusador dedo ao peito.

— Ei, Francesco. Acalma-te... — interveio o outro bandido em tom apaziguador — ele já nos deu o dinheiro. Deixa o homem em paz.

Antonio quedava-se imóvel, espantado com o ódio latente na verborreia do bandido. Apesar de se sentir ameaçado, esperava ainda que a situação não descambasse em violência física, já que seria obrigado a agir para se proteger. Antonio era um homem de Deus, e embora estivesse em paz com a maldição do vampirismo que carregava no seu corpo e alma, evitava, sempre que possível, fazer uso dos poderes tenebrosos que essa mesma maldição lhe concedia. Como se ao privar-se dos benefícios da maldição, resistisse à tentação do poder negro que ela acarretava. Aos seus olhos, este era o teste e a provação da qual o Senhor o incumbira. E até agora não se havia tresmalhado no seu caminho.

— Por favor, peguem no dinheiro e partam — suplicou Antonio, na esperança de que os dois homens pudessem ir embora sem ter de os magoar.

— Maldito patife — insultou o bandido novamente. — Agora pedinchas e ganes como um cão covarde. Merecias era que te arreasse a valer e te partisse as ventas!

— Chega! — interpôs-se de novo o segundo bandido, colocando o braço na frente do seu companheiro. — É um homem da Igreja! Mas o que é que te deu?

O outro não lhe prestava atenção, todavia, cego de fúria como estava. Empurrou o braço do companheiro sem qualquer delicadeza, na tentativa de atingir o rosto de Antonio com o

punho. O abade desviou-se para trás, esquivando-se do golpe. O bandido pressionou com intentos assassinos, afastando o companheiro com o cotovelo e atacando Antonio com a adaga.

— Pára! — ordenou Antonio, autoritariamente. A sua mão estava erguida, e o rosto revelava uma feição austera, de olhos duros e frios fitos nos do atacante.

O bandido estacou imediatamente, uma vontade superior à sua impondo-se sobre si. Queria continuar, golpear selvaticamente o abade que representava tudo aquilo que mais odiava na sua vida. Depois deitá-lo por terra e obrigá-lo a comer a lama do chão, tal como o clero e a nobreza faziam com o povo. Mas não conseguia. A fúria ardia dentro de si, mas frustrantemente não se conseguia mover. Antonio aproximou-se, cingindo-lhe o pulso e retirando-lhe, inofensivamente, a adaga da mão.

— Esta adaga é uma arma perigosa — elucidou o abade, envolvendo o olhar do bandido com o seu. De seguida, forçou as já de si frágeis barreiras da mente do bandido, infiltrando-se e submetendo-a por completo à sua vontade. — Vais trocá-la comigo pela bolsa de moedas que te ofereci. É um bom negócio por uma lâmina de fraca qualidade.

O bandido olhava Antonio com um semblante aparvalhado, assimilando sem resistir as ordens que este lhe sugeria. O outro bandido assistia, confuso, não percebendo exactamente o que se estava a passar.

— Seja o que for que o mundo te tenha feito de mal — continuou Antonio, adoptando agora um tom mais calmo e condescendente — podes sempre optar por um modo de vida mais honesto. Lembra-te deste conselho doravante, entendeste?

— S...sim... — titubeou o bandido, piscando os olhos apatetadamente.

— Tu pareces-me um pouco mais consciencioso — mencionou Antonio, dirigindo-se ao segundo bandido, que o olhava agora com temor. O poder do abade impôs-se também na sua mente, alterando-lhe as memórias. — Esquece o que aqui se passou esta noite. Amanhã começa uma nova vida para vós. Agora correi para casa, para junto da vossa família. Ide!

Ambos os bandidos anuíram prontamente, virando as costas ao abade e perdendo-se entre a densa morrinha, enquanto subiam a Via Di Scurreria sem sequer olhar para trás. Antonio demorou-se um momento, observando-os a correr, dizendo ao mesmo tempo a si mesmo que não tivera alternativa senão

UM REGRESSO ATRIBULADO

A chuva amainara no final do dia seguinte, caindo apenas a espaços, deixando o céu estrelado com grandes aberturas entre o cúmulo de nuvens negras. O porto de Génova aparentava agora uma estranha acalmia, especialmente depois dos confrontos.

Na noite anterior, após uma tarde agitada entre os estivadores e os capatazes dos mercadores, os ânimos haviam-se exaltado com a chegada de um grupo de soldados mercenários, contratados pelas guildas para imporem a ordem. As repercussões não se fizeram esperar, e, pouco depois do sol-pôr, gerara-se uma escaramuça entre um trabalhador e um mercenário, que acabou com o porrete do mercenário afundando-se na sua própria cabeça, entre vivas e incentivos por parte de um ajuntamento dos restantes estivadores, ali por perto. Acossados pelo grupo de mercenários, que tentaram violentamente subjugar os insurgentes, os estivadores não se deixaram amedrontar, e, como se instigados por uma vontade conjunta, fizeram-lhes frente, fervorosamente. Após algumas cabeças partidas, muitas contusões e nódoas negras, a guarda genovense chegara debaixo de uma chuva intensa, fazendo dispersar a maioria dos desordeiros, enquanto muitos se escapuliam pelas ruas e vielas adjacentes. Os menos afortunados, mercenários ou estivadores, apanhados pelos soldados da cidade, acabaram o serão nos calabouços do palácio consular, esfriando a cabeça de cabelos ensopados da chuva nocturna. Chuva essa que se dissipara com o amanhecer

ventoso, cujo sopro mediterrânico acabara por empurrar as nuvens carregadas para noroeste, em direcção aos Alpes. O dia findara seco e de céu aberto, brindando o retorno do navio mercante que acabava de chegar de Savona.

O “Barrasco” flutuava ancorado ao molhe protector, fazendo retinir o sino do convés ao sabor da ondulação. Os marinheiros haviam abandonado o navio pouco depois de ter atracado, deixando quase toda a mercadoria no seu interior, por ordem do capitão. O porto estava deserto, quando quatro figuras desceram do navio para o molhe, e daí para o passadiço de entrada para o cais.

— Obrigado, homens — agradeceu Ramírez aos dois guardas vassalos de sangue que os haviam acompanhado na viagem a Savona. — Podem retornar ao palácio, com a mensagem para o Príncipe Andrew de que em breve nos apresentaremos perante ele.

— Não ireis necessitar de vos alimentar mais, senhores? — inquiriu um dos guardas, solicitamente.

— Não, Quintus. Já foram muito prestáveis ao deixarem-nos alimentar quando regressámos à embarcação.

— E por zelarem pela nossa segurança durante as horas do dia — referiu De la Peña, em agradecimento.

— Com vossa licença, então.

Os dois guardas executaram uma curta vénia e abandonaram a presença de Ramírez e De la Peña, deixando-os a sós no cais do porto. O sino do “Barrasco” voltou a soar, quando uma ondulação mais vigorosa fez balançar o navio. O porto encontrava-se anormalmente silencioso e pacato, para uma hora ainda tão prematura da noite. Uma brisa fria soprava vinda do mar, passando cortante pela pele do rosto, incomodando mesmo os corpos dos dois vampiros, que contemplavam, taciturnos, toda a extensão do porto.

— Estás mesmo decidido a procurar a maldita urna? — perguntou De la Peña, passado um longo silêncio, durante o qual apenas se ouviu a rebentação e a madeira dos navios a ranger sobre o mar agitado.

Ramírez não respondeu de imediato. Não haviam tocado no assunto desde que tinham deixado a masmorra debaixo do cemitério em Savona, onde estiveram cativos durante três noites e dois dias. Trocaram algumas poucas impressões, depois de libertos, ao regressarem ao porto e ao navio mercante que ainda esperava no ancoradouro. Mas de resto, e especialmente

durante a viagem de retorno na presença dos dois vassalos de sangue do Conselho, não haviam proferido qualquer palavra referente a Tomaso ou ao encontro com Lamya.

— Se houver a mais ínfima hipótese de a Sepulcralis me trazer a Miriam de volta — afiançou Ramírez, com duro olhar resoluto — estou decidido a virar a cidade do avesso, se for preciso. Contra tudo e contra todos!

— Pois... Olha, não te queria tirar as esperanças ou sequer menosprezar os poderes negros dos Infernalistas, que, deixa que te diga, podem realizar façanhas assustadoramente prodigiosas, mas promessas como essa tendem a ser vãs.

Ramírez postou o olhar, bem alto, nas estrelas cintilantes que reluziam no céu parcialmente descoberto. Pareceu suspirar, fosse isso ainda possível.

— Não sou ingénuo, parceiro. No entanto, há algo de estranho naquela mulher. Algo na forma como falou e nas palavras que disse. Não me pareceu que estivesse a mentir, quando referiu que não serve os demónios. Não me entendas mal — defendeu subitamente Ramírez, notando o sobrolho franzido de De la Peña — não estou do lado dela. Mas se de facto é uma agente independente, livre do jugo dos demónios, pode muito bem não jogar pelas regras deles.

De la Peña uniu as mãos atrás das costas e avançou, pensativamente, pelo passadiço, de cabeça baixa, fazendo ranger as tábuas de madeira molhada. Uma pilha de enormes barris estava colocada em pirâmide ao seu lado esquerdo, um dos quais marcado com um estranho símbolo rúnico. Nem De la Peña nem Ramírez deram conta da misteriosa runa inscrita no fundo da pipa. Assim que as pernas do Skulp'tor passaram defronte desta, a runa principiou a fumegar ligeiramente, como se se consumisse a si própria, dissipando-se silenciosamente.

— É uma empresa arriscada, deixarmo-nos enlear nas teias infernais — alertou De la Peña, parando e voltando-se para encarar o amigo que ficara para trás.

— Correrei os riscos que tiver de correr — afirmou Ramírez. — Não estou aqui para escolher lados entre Deus ou o Diabo. Até porque toda a minha vida fui um fiel servidor do Senhor, e olha como Ele me tem recompensado! Se Deus me levou a Miriam, pode ser que o Diabo queira contrabalançar a questão e permita que a Sepulcralis ma devolva...

— Não devias dizer semelhantes coisas! Isso é blasfémia! — avisou De la Peña, alvoraçado. — Deus nunca nos abandona,

olha o meu caso! Põe os olhos em mim! Não Lhe queiras tu virar as costas, Ramírez.

— Não vou ter esta discussão contigo outra vez. Respeito a tua crença, e a transformação que se operou em ti, mas Deus não tem feito outra coisa senão tramar-me e roubar-me tudo o que de bom havia na minha vida. Levou-me o meu pai, quando mais precisava dele... e a minha mãe, nem sequer a conheci. Depois a Miriam... e esta meia-vida amaldiçoada! Nem imaginas todas as atrocidades que presenciei e tive de suportar em Jerusalém, ganância, violência e morte em Seu nome. E, agora, a pobre Paola também. Que fez ela para merecer semelhante destino?! Não, parceiro — disse Ramírez, abanando a cabeça como se refutasse algo que estivesse subentendido —, virar-Lhe as costas é o mínimo que Lhe posso fazer!

— Pára! Que estás tu a dizer?! Estás doido?

— O Quê?! Não me digas que O ofendo se Ele estiver a ouvir... Vai-me castigar mais um pouco, é?

De la Peña não respondeu, estacando boquiaberto junto a Ramírez. Não sabia o que dizer ao seu amigo. Custava-lhe vê-lo tão revoltado, mas entendia a sua dor. Já sofrera demasiado, sentindo na pele as cruéis amarguras da vida e da morte. Em mais de meio século de existência, havia suportado dor que bastasse para muitas vidas. De la Peña sentiu a compaixão a inundá-lo, observando Ramírez enquanto os dois caminhavam lado a lado, agora em silêncio. O rosto de Ramírez estava fechado, como um rochedo de determinação, impossível de dissuadir ou desviar do seu caminho. De la Peña sorriu, ainda assim, apreciando com admiração a força do seu amigo. Apesar de tanta contrariedade e sofrimento, mantinha-se tão... humano, quando muitos outros já teriam, certamente, dado asas ao descontrolo e se entregado à besta interior. Perdendo-se em raiva, revolta e violência cega, tornando-se monstros sem escrúpulos ou consciência.

— A propósito de “estar a ouvir”... — lembrou-se Ramírez subitamente, após saírem do cais. — Não achas que ela nos consegue ouvir, pois não?!

Ramírez descalçou ambas as luvas e elevou a mão esquerda, revelando a ominosa marca gravada nas costas da mão. Passou o dedo indicador da mão direita sobre a pele marcada. Ainda sentia a unha negra de Lamyra a rasurar-lhe a pele. Essa lembrança causou-lhe um agudo calafrio. Embora ansiasse confiar na promessa da Sepulcralis, sabia que esta

tinha um lado muito escuro, quer tomasse partido ou não dos planos infernais dos demónios.

— Será? — questionou-se De la Peña, removendo também as luvas, que ambos haviam começado a usar para esconder a marca de Lamya, e perscrutando as costas da sua mão esquerda. De seguida encostou a face à mão, quase colando os lábios à pele marcada pelo símbolo negro, e sussurrou. — Ó puta!

Ramírez abriu os olhos, alarmado pela ousadia de De la Peña. Recordava-se perfeitamente dos efeitos do poder de Lamya no pobre rato que esta cauterizara, queimando-lhe as entranhas com um misterioso poder nefasto.

— Nah... Não me parece que esteja a ouvir — sorriu De la Peña, aplacando o temor de Ramírez. — Ela usa isto para infligir dor e ser alertada caso a atraioemos. Não lhe permite vigiar-nos a cada passo que dermos. Também se ouvisse, ficava a saber o que penso dela. O que não era novidade nenhuma...

— Então estamos cingidos a não falar da Lamya a ninguém, caso contrário ela aperceber-se-á — deduziu Ramírez.

De la Peña anuiu com um aceno de cabeça, enquanto ambos calçavam novamente as luvas e retomavam o caminho.

— De qualquer forma — continuou Ramírez — não tencionava contar a ninguém o pacto que fiz com ela. Pelo menos até lhe entregar a maldita urna e ela cumprir a sua parte.

— Não contavas ao Andrew? Nem mesmo ao Antonio?

— Tenho a certeza de que me tentariam dissuadir ou iriam levantar obstáculos, destruindo qualquer possibilidade de obter a minha recompensa junto dela — constatou Ramírez, com frieza. — Não, parceiro... Nesta estamos sozinhos!

— Alguma coisa vais ter de contar ao Andrew, sobre o Tenebrae Tomaso e os seus planos para Génova. Que vais dizer que fizemos durante toda uma semana que ficámos em Savona?

Ramírez ia responder algo, mas interrompeu-se, parando junto a um grande armazém do porto e fixando o olhar num estranho símbolo rúnico, que se encontrava gravado na parede de pedra, junto ao chão. A intrincada runa, semelhante à que os dois companheiros haviam passado anteriormente, sem, todavia, se terem dado conta, começou a fumar no mesmo instante em que Ramírez se agachou para a observar. Ténues fiapos de fumo dissipavam-se pelo ar, acompanhados por um efémero e quase inaudível chio, enquanto o símbolo rúnico se consumia a si próprio, para espanto de Ramírez.

— Mas que raio...? — surpreendeu-se Ramírez, passando

curiosamente os dedos pelo fumo, nos poucos instantes em que este era visível. — Anda aqui ver isto, De la Peña.

— É melhor não te aproximares demais — aconselhou, vislumbrando a runa a alguma distância.

— Tens alguma ideia do que isto seja? Algum remanescente da presença dos Infernalistas, talvez?

— Se for, não reconheço — avaliou o Skulp'tor — É sem dúvida algum tipo de feitiçaria. É melhor afastares-te e irmos embora.

— É... provavelmente tens razão — concordou Ramírez. Contudo ficou a admirar, durante mais algum tempo, a runa que se extinguia lentamente.

A atenção de De la Peña voltou-se subitamente para o final da rua, alertado pelo distante *clip-clop* que os seus ouvidos apurados captavam. Ramírez não havia dado por nada, aparentemente. De la Peña afastou-se um pouco do amigo, tentando descortinar com o seu olhar aguçado quem subia a rua a galope, na direcção do porto. Intrigado pela pressa do cavaleiro a semelhantes horas da noite, De la Peña forçou a sua visão, distinguindo um vulto negro cavalgando pela Via San Luca acima. O vulto começou rapidamente a ganhar contornos, à medida que se aproximava do cruzamento de ruas, em cuja esquina De la Peña o aguardava. Parecia empunhar uma comprida arma de haste e envergar um manto que ondulava em seu redor, tornando a sua silhueta algo indistinta.

De la Peña arrepiou-se, sem saber exactamente porquê. O som dos cascos retumbava pelas pedras da rua, ecoando como um trovão em crescendo dentro da cabeça do Skulp'tor. Um medo visceral apossou-se subitamente de De la Peña e este recuou alguns passos, tremendo como varas verdes. O cavaleiro apresentava uma forma ominosa, como um espectro negro em cujo capuz tenebroso se distinguiam dois pontos escarlates, ardendo como duas chamas infernais. Negro era também o seu corcel, que resfolegava com o seu terrível bafo, quente e brumoso, ocultando os seus olhos sem vida. E galopava inexoravelmente contra o Skulp'tor. Um grito horrendo assaltou a mente de De la Peña, quando o vulto ergueu a foice que empunhava acima da sua cabeça, fazendo o cavalo empinar-se e escoicear o ar, quase em cima do aterrado Skulp'tor. Vendo a Morte clamar por si, De la Peña desesperou, abandonando um sufocado pedido de ajuda que lhe morreu na garganta, enquanto caía, desamparado, de costas. A Morte fixou o seu olhar em De la

GLOSSÁRIO DE PERSONAGENS

ADELINO VÁZQUEZ	Humano	Pai de Miriam. Nobre menor, vassalo do marquês de Toledo.
ALBERIGO	Humano, Vassalo de Sangue	Frade no mosteiro, dador voluntário e vassalo de sangue do abade Antonio.
ALGOL AIOLOS	Vampiro, Zelus	Mestre espadeiro. Guerreiro de origem grega, cuja linhagem pode ser traçada até aos heróis de antanho. Vampiro ao serviço de Tomaso, no domínio de Savona, e infiltrado na corte e domínio de Génova, como espião.
ANDREA FATIZZO	Vampiro, Zelus	Sábio e escolástico, criador de Marisha. Afastado do mundo, residia recolhido como ermita no mosteiro até Gandolfini e os Infernalistas o raptarem e manterem cativo nos subterrâneos da cidade. Morto e absorvido por Gandolfini no ritual de Peccatum Sanguinis.
ANDREW BLACKROSE	Vampiro, Tenebrae	Justicar do Príncipe Kardhan, ascende a Príncipe Vampírico de Génova depois da partida deste para leste. Cavaleiro bretão sem relevância social aos olhos dos humanos. De carácter arrogante e escarninho. Assume nos ombros o peso da responsabilidade da liderança da cidade.
ANTONIO	Vampiro, Tenebrae	Abade no mosteiro de Génova. Conselheiro-mor do poderoso Kardhan e mais tarde de Andrew. Amigo de Andrea Fatizzo, a quem dá abrigo no mosteiro até pouco antes de Ramírez chegar à sua procura. De carácter bondoso e disposição afável, é uma fonte de temperança nos eventos turbulentos que assolam a cidade.

ÍNDICE

Prólogo.....	7
Justicar	11
Savona	27
Um Adversário Letal	43
O Pacto.....	57
Sublevação	77
Um Regresso Atribulado	95
Interlúdio.....	107
Relatório Dissimulado	109
Traficantes de Informação.....	119
Intrusão.....	135
Flagrante	153
Emboscadas.....	171
O Cerco Aperta-se.....	187
Veto Sagrado	203
Assassinos.....	223
Caçadores e Assassinos.....	241
Fuga Desesperada.....	257
Último Reduto	273
A Batalha Velada.....	285
Epílogo	311
Glossário de Personagens.....	313